

BRASIL-PORTUGAL

16 DE JULHO DE 1900

N.º 36

Costumes chineses



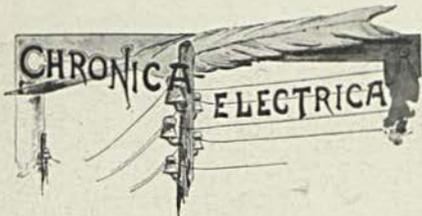
VENDILHÃO AMBULANTE



TANKAREIRA



CHINESES JOGANDO



O' noites de Lisboa! ó noites de poesia!
auras cheias de aroma! esplendido luar!
vastos jardins em flôr! suavissima harmonia!
transparente, profundo, infindo o ceo e o mar!...

E' em uma noite assim que a chronica vai conversar com os leitores da Revista, uma noite como as que cantou Thomaz Ribeiro n'essa deliciosa poesia que tem resistido a tudo: ás escolas, ao tempo, á critica, e ao sarcasmo, poesia cheia de doçura e de encanto como debalde se procura hoje em dezenas de livros de versos que apparecem durante o mez, n'este paiz tão pobre de attractivos e tão rico de nephebbatice. Mas o que recordo á Chronica essa quadra da Judia? Só o luar da noite, só a transparencia do céu ou a profundidade do mar que se estende ao longe, com scintillações prateadas? Não o creio. Antes vou pela leitura de mais duzia de poetas novos cujas obras cahem sobre a sua mesa de trabalho, como cahem duzias de borboletas seduzidas pelo brilho da luz do seu candieiro.

Coitadinhas! Como ellas — as borboletas — morrem victimas da sua curiosidade! Coitadinhos! Como elles — os poetas — desaparecem victimas do seu erro! Imaginar ser poeta, á força, é um perfeito devaneo da mocidade! Não é poeta quem appetee ser-lo, mas apenas quem nasceu ta'ri. E a prova é que os versos dos primeiros, passam, voam, fogem no pó do esquecimento, varridos por essa vassoura inexoravel da indiferença publica, e os dos ultimos resistem a tudo, incluindo á moda e... ficam de pé.

O poeta, em tempos antigos, nascia relacionado por accaso com as musas; hoje, procura relacionar-se com ellas. Ora essa senhores são um tanto difficeis de receber e em geral não acolhem senão os predestinados, os celestos!

Desde o momento em que a moda transformou a poesia n'uma mathematica de rimas, buscando n'ella não a inspiração que illumina mas o positivismo que explica, desde esse momento comprehendese aquelle dito do empergado escolar, quando o paiz lhe perguntava o que elle queria ser.

— Eu quero ser poeta, Papá!

Poeta não sabe a Chronica se elle chegou a ser. Pateta foi-o com certeza.

Os poetas novos parecem-se com os jogadores modernos. D'antes, quando o jogo não era ainda uma instituição, mas apenas um passatempo, quando jogavam os homens, os que eram alguma cousa n'este mundo e não se jogava ainda, para se fingir homem, perdia-se dinheiro a mãos rotas, mas perdia-se bem, com largueza de animo, entre amigos, por distracção ou por vicio, nunca por especulação. A batota então tinha o que quer fosse de uma luta heroica com o azar. Desafiava-se a sorte como se desafiava o parceiro impertinente ou mal avindo. Hoje, desafia-se apenas o calculo, o que é igualmente incerto mas e tambem e com certeza menos perigoso. O Marquez de Niza deponha galhardamente a sua bolsa sobre uma carta ou sobre um dado; um seu companheiro, discipulo d'elle, queimava uma nota para procurar o vicio de um parceiro sovina; outro, depois de causar assombro pelo sangue frio com que perdia a sua fortuna, no azar de uma carta, passava a assombrar pelo sangue frio com que perdia o seu espirito, em ditos de um humor impagavel. Hoje, não ha d'isso. Perde-se dinheiro, porque se perde a arithmetica. Logo que se passou a jogar, adoptando a prova dos nove, que é fallivel segundo os melhores mathematicos, o prejuizo é certo.

O jogador d'antes era um bohemio. Atravava o dinheiro para cima do panno verde de uma mesa como o atravava ao pobre que á porta emolava a sua caridade ou á mulher querida de instante que lhe punha preço ao seu amor. Agora o jogador é um simples calculista. Passou a ser o burocrata da batota, cuja calculando sempre, e quando aposta com uma mão, a outra parece que sente desejos de lhe arrancar a parada.

Mas porque é isto? Porquê?

Por uma simples razão: porque os batoteiros celebres de outros tempos jogavam o que era d'elles; os de agora, jogam o que é dos outros. Aquelles podiam cahir na miseria, mas estes quando cahem... é no suicidio!

Por isso, o jogo foi muito bem prohibido em Portugal, onde estava tomando fóros de um serviço burocratico. Havia sujeitos que iam para a batota, como outros vão para a secretaria e outros ainda para a officina, e quer creiam ou não, raro perdiam o ponto.

E o ponto se não produz grandes resultados beneficos no serviço publico, onde aquelles que mais cedo apparecem á carteira nem sempre são os que mais tempo se conservam sentados, no serviço da roleta ou da banca franceza, tem grandes vantagens, sobretudo para... o banqueiro.

N'um pequenino paiz, ou cidade, mais conhecido pelo Principado de Monaco, onde o jogo é uma instituição, porque do jogo sabe tudo: desde os vencimentos do chefe do Estado até dos redditos do commercio, o Casino que d'elle tem o monopolio, entrega de mão beijada á exploração particular, um bello edificio de hotel, quasi junto das suas salas de jogar, apenas com a condição de fornecer um jantar de primeira ordem por um preço excessivamente baixo. Essa medida é de uma previdencia administrativa que, nas sociedades bem organisadas daria nome a um ministro da Fazenda. O frequentador do Casino, o dilettante, o assiduo parceiro de todas as noites... e de todos os dias, forçado pelo vazio do seu estomago a tratar d'elle, não quer estragar tempo; procura o jantar que mais á mão lhe apparece, e tão apressado se mitra que de quinhentas pessoas que em geral se sentam á mesa redonda d'esse hotel, uma decima parte, apenas, come sobremesa. A grande massa, que é composta de todos os outros, não tem tempo a perder, e logo que o estomago se aquieta, safa-se e volta para o Casino.

Quer dizer — em vez de se demorar uma hora, indo longe jantar, a sua casa ou ao seu hotel, vai ali ao lado e demora-se... meia hora.

Mas a outra meia hora, quem a ganha... é afinal o orçamento do Casino. Está calculado á certa: trinta minutos em Monte Carlo valem muito dinheiro.

Valem porque se não pensa, como muitos jogadores indigenas meditam. De um, rapaz intelligente e rico, homem publico em foco, morto ha pouco, e que perdeu a sua fortuna a jogar no Chiado, com meia duzia de sujeitos que não tinham onde cahir mortos — antes de ganharem o dinheiro d'elle, — conta-se que ia a correr jantar muito longe, para poupar dois tostões no menu. Ia, cançava-se, suava muitas vezes, poupava os tostões mas depois voltava e perdia aos contos de réis.

Só os mathematicos da batota poderão explicar este phenomeno incomprehensivel á critica da chronica. E agora que elles, pouco tem a fazer á noite, n'estas lindissimas noites de estio, que convidam á meditação e ao estudo da natureza e da humanidade, n'esse socego benefico da praia e do campo, podem muito bem encarregar-se de o fazer.

O campo e a praia! Ora ahí tem quem perde deveras com a prohibição do jogo! N'um paiz, como o nosso, onde a iniciativa particular chega a ser um mytho e a incuria administrativa é um compendio, o pouco que se lêz, no desenvolvimento progressivo d'essas estações de thermas e de banhos, — verdade seja dito — deve-se exclusivamente á batota.

Não se tratava de indagar onde os banhos eram melhores nem quaes os ban os mais beneficos á saúde; o que se perguntava e se queria, era saber onde o jogo era mais accessivel. D'ahi a rapidez das communicações, a animação da concorrência e a alegria d'essas estancias de descanço e de prazer.

Moralia ministerial acaba de destruir tudo isso, — em nome da moralidade publica que, ao que parece, o reclamou, e não sem razão.

E a verdade é que o enthusiasmo pela vida das thermas ou das praias se resente este anno muitissimo. Da *esperança vice o homem*, é costume dizer-se, e o homem que, aos primeiros vislumbres do calor vá para Cascaes ou para a Figueira e ainda para o Bussaco e para Espinho, partia alegre, dominado pelo bello ideal de explorar o proximo... em seu proveito. Fazia a mala e elle lá ia, levando dentro d'ella juntamente com as piugas de fio de escocia, um baralho de cartas avido de cercar a um tempo a dama de espadas e as meninas com dote!

Agora, o seu jogo está restricto ás ultimas, e francamente no azar da vida, muito mais difficil negar-se uma scena de oiros do que um casamento rico.

Querem ver que a prohibição do jogo ainda vem affectar profundamente o cumprimento d'aquella maxima: *«cresce e multiplica-se»*?

Os acontecimentos da China



Vice-almirante inglês Seymour
Comandante das forças ultramarinas
em Tien-Tsin

A Imperatriz da China

A Imperatriz viuva, cujo retrato encima a nossa pagina central, reassumiu (ao que dizem os ultimos telegrammas) a direcção do governo, tendo nomeado o general Yung Lu, primeiro ministro. Um dos seus actos immediatos foi um agradecimento telegraphico ao vice-rei Yan-Sé, pelo seu leal proceder, prometendo proteger os estrangeiros a todo o custo.

Príncipe Kung

Cunhado da imperatriz (que ainda ha pouco tinha sido reduzida á triste condicão de doida furiosa, devido ao envenenamento pelo opio) desempenhou no tempo de seu fallecido irmão, o imperador Kien-fung,

um papel preponderante na politica chinesa. Foi elle o negociador dos celebres tratados de 1860, com as potencias aliadas e sujeitou-se por essa occasião ás mais terriveis humilhações para livrar o paiz dos estrangeiros, victoriosos depois da tomada de Pekim. Mais tarde, com o predomínio da imperatriz viuva, o seu papel foi declinando, supplanted por Li-hung-chang, que ia, a pouco e pouco, tomando o primeiro logar entre os politicos chineses.

Ha poucos annos tornou-se outra vez evidente, para tornar a cahir na obscuridade. Hoje não sabemos se é morto, o que é possível, tanto mais que se dedicava ao vicio do opio.



A defesa da legação inglesa em Pekim

O retrato foi tirado em 1860, quando elle tinha 22 para 23 annos. Se está vivo deve ter pouco mais de sessenta annos, o que seria pouco para um chinês, se não fosse o opio, o grande encurtador das existências celestias.

Muralhas de Pekim

Pekim é dividida em quatro recintos além dos arrabaldes. Primeiro e o mais pequeno de todos, é a cidade *interdicta ou sagrada*, rodeada d'um muro e onde está o palacio do imperador. Rodeando este recinto fica a *cidade imperial*, fechada tambem por um muro e envolvida pela cidade *interior ou tartara*, rodeada de baluartes. Ligada a esta e tambem rodeada de baluartes está a *cidade chinesa ou exterior*. E' uma das faces dos baluartes da cidade tartara que a gravura representa.

Essas enormes muralhas e baluartes são construidas de terra batida, revestida de tijolos ou com alguns raros revestimentos de pedra. De distancia em distancia, encontram-se uns altos edificios de tres ou quatro andares, guarnecidos de canhoneiras, onde se veem as enormes bocas de terriveis peças de artilheria de madeira... para metterem medo ao inimigo! Os francezes em 1860 não tiveram medo e tomaram Pekim. Não sabemos se ainda hoje taes peças defendem a cidade imperial.

E' bom não confundir estas muralhas de Pekim com as celebres muralhas da China, que inutilmente defendiam o Imperio da invasão tartara e que hoje, ainda que desmanteladas, estão de



Gare de Tien-Tsin / A linha de caminho de ferro que foi cortada pelos chinezes.

pé para amostra d'uma das maiores obras emprendidas pelos homens.

O barão de Ketteler

Eil-o montado no seu cavallo. Fosseava pelas ruas de Pekim, quando a furiosa multidão o agarrou, assassinando-o cruelmente, e martyrisando-o horrorosamente. Primeiro, arrancaram-lhe a lingua, depois fizeram-lhe saltar os olhos, para, acto continuo, o enterrarem até ao pescoço, quando ainda dava signaes de vida. Tinha 46 annos. Militar antigo, foi official dos mais queridos do exercito alemão, até á morte de um seu tio Bispo que o desherdou a favor da igreja. Abandonou então a carreira das armas, e partiu para Pekim, onde aprendeu chinês, assumindo o cargo de interprete no consulado alemão de Cantão. Em 1883, portou-se valentemente durante a insurreicção chinesa, salvando toda a colonia alemã, com uma habilidade rara. Esteve secretario da legação em Norhnton, ministro no Mexico e em 1899 foi escolhido para ministro em Pekim, onde tão tristemente foi encontrar a morte.

Templo de Lama ou de Budha

Chamado tambem *Yung-ho-Kung* pelos chins, está situado na ponta NE. da cidade, na extremidade final do *Ha-te-men-ta chié* e immediatamente sobre a muralha septentrional. Foi fundado entre 1725-1730 pelo imperador *Yung-Chêng* que, querendo obter as boas graças do Grande Lama do Tibet, protegeu o budhismo, que não é, como se sabe, a religião official da China.



Chegada de um comboio a Tien-Tsin

NA CHINA



A imperatriz da China



Carregador de fezes



Marinheiros franceses defendendo os estrangeiros



Fumando tabaco



Ventilhão pesando



Príncipe Kung



Muralhas de Pókin

OS ACONTECIMENTOS DA CHINA

É um dos melhores specimens da architectura chinesa de Pekim.
Dentro d'este templo está uma enorme estatua de Budha.

Costumes chinezes

O *Brasil-Portugal* enceta com este numero a publicação de uma série dos costumes chinezes mais interessantes, arrancados do natural, por um artista distinctissimo, americano, que viveu, cre-se, de 1835 a 1838, tendo feito durante algum tempo estudos curiosos sobre a China. Esses *croquis* cedidos amavelmente pelo illustre official de fazenda da nossa armada o sr. Fonseca, constituem um album primoroso de costumes orientaes. D'elles, destacaremos hoje sete, todos devidos ao lapis incomparavelmente feliz do desenhista que viveu em Macau e Hong-Kong, parte da sua vida, e tinha por nome Shinery. Como verão, esses *croquis* são um verdadeiro primor artistico, e para elles chamamos a attenção dos leitores d'esta Revista.

Na primeira pagina encontram-se dois grupos: um, junto de um vendilhão ambulante que pousou no chão a sua mercadoria, e o segundo composto de tres chinezes jogando os dados, que é o jogo favorito d'elles.

Tuskareiras — chama-se ás mulheres que vivem no mar, a bordo dos barcos que lhes dão esse nome. Ali passam toda a sua vida, remando, carregando e cozinhando; ali lhes nascem os filhos, ali os amamentam. A forma como depois ellas os trazem ao collo é curiosissima, como se vê pelo terceiro *croquis* d'essa pagina.

Mais adiante, na pagina central, tem um vendilhão pesado, nas balanças usadas no Oriente e que differem um pouco das nossas; um fumista de tabaco; e por ultimo o carregador de fezes, homem empregado em transportar das casas particulares o que os chinezes consideram o mais bello estrume para as suas terras, que o é em verdade, porque regadas assim ficam extremamente fertéis, o que não quer dizer tambem que fiquem esplendidamente perfumadas, a ponto do europeu, atravessando muitas vezes avenidas magnificas e terrenos cultivados, ter de recorrer ao lenço de assoar para não aspirar as pouco odoríferas exhalações da terra.

Scenas da guerra

O começo da lucta entre os estrangeiros e os boxers, é representado hoje por duas gravuras: uma dos marinheiros francezes defendendo corajosamente da furia chinesa os estrangeiros de Pekim; e outra, da defeza heroica que tem tido a legação ingleza, n'aquella cidade, e que por milagre tem feito escapar de uma morte horrorosa centenas de pessoas ali refugiadas.

As duas outras gravuras do caminho de ferro de Tien-Tsin, linha que os boxers cortaram, completam os ultimos acontecimentos averiguados da China.



O barão de Ketteler, ministro da Alemanha em Pekim, a cavallo, quando foi assassinado



Templo de Lama ou de Baixa

Exercicios militares em Tancos



1



2



3



4



5



7



8



6



9



10

(1) Sahida para Tancos — (2) O Castello d'Almorol — (3) A caminho — (4) No Tejo — (5) O atracar — (6) Desembarque — (7) A padaria
(8) Depois de uma defeza — (9) Exercicio de tiro — (10) Explosão de uma mina

Tancos fica a pouco mais de vinte leguas de Lisboa. E' ali que está estabelecida a Escola pratica de Engenharia.
O Exercito portuguez tem quatro escolas praticas, esta, e as de artilheria em Vendas Novas, de cavallaria em Villa Viçosa e de infantaria em Mafra.

El-Rei, como generalissimo do exercito, costuma assistir sempre aos exercicios annuaes d'estas quatro escolas, e na gravura 3, vê-se S. M. á frente do seu Estado Maior.



O busto do sr. Camélio Lampraia

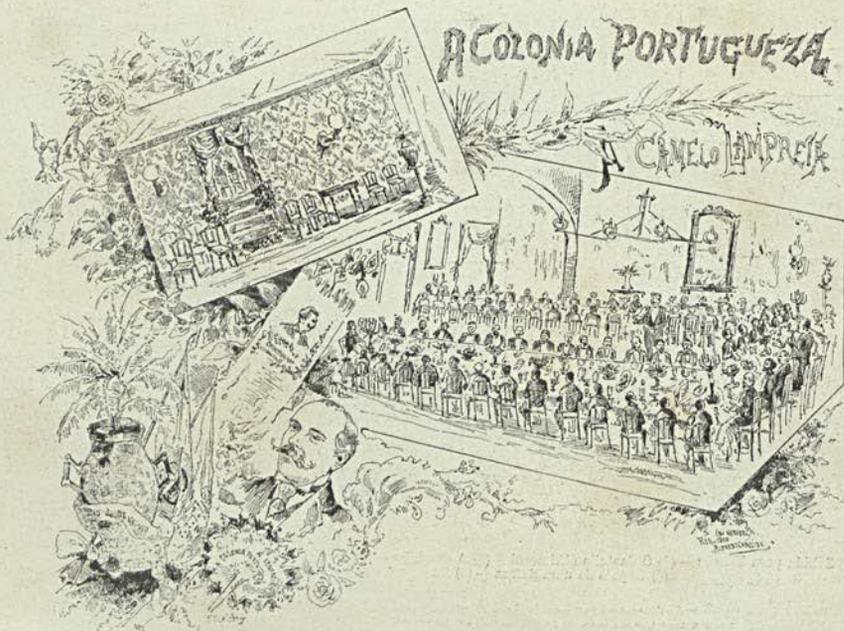
As mais entusiasticas e as mais sinceras homenagens foram prestadas ao antigo carregado dos negocios de Portugal no Rio de Janeiro, o sr. commendador Camélio Lampraia, quando o illustre diplomata deixou agora o Brasil. E todas essas manifestações de apreço pelo homem foram justissimas para com o diplomata que com tanta habilidade e felicidade soube manter sempre bem estreitas, durante a sua permanencia no Rio, as relações mais ainda do que as dos dois governos, as dos dois povos irmãos e amigos.

O *Brasil-Portugal* expressamente dedicado a servir os dois paizes não podia deixar de registrar nas suas paginas essas homenagens. No numero ultimo demos já o quadro do distincto pintor brasileiro Aurelio de Figueiredo que foi premiado com dez contos no concurso de pintura. D'esse quadro offereceu o seu auctor o extracto ao sr. Lampraia, o qual agradecendo a valiosa offerta pediu licença para fazer d'elle presente a El Rei de Portugal, o que cumpriu.

Hoje, damos em gravura o busto em bronze com que grande numero de brasileiros presenteeu o nosso antigo representante. E' uma obra artistica de grande valor, executeda a primor por uma esculptora brasileira distinctissima, a sr.ª D. Nicolina de Assis.

A entrega do busto foi uma cerimonia commoventissima que provou bem a estima que elle soube grangear no Rio de Janeiro, festa solemne a que assistiram brasileiros e portuguezes n'uma cordalidade tocante, trocando-se entre o sr. general Dionysio Cerqueira e o sr. Camélio Lampraia discursos de saudação e agradecimento, que os leitores encontrarão nas nossas paginas supplementares.

A outra gravura d'esta pagina representa a sala onde foi offerecido ao sr. Lampraia o banquete de despedida. A mesa tinha a fórma de um U, sentando-se ao centro o illustre diplomata que dava a direita ao sr. general Dionysio Cerqueira e a esquerda ao sr. general Cunha. Entre os convivas vêem-se senadores, deputados, diplomatas e jornalistas, contando-se no numero d'estes o representante do *Brasil-Portugal* nas festas do 4.º centenario do Brasil, o seu director Lorjô Tavares. Abrihantou o jantar, cujo menu foi primoroso, uma orchestra de 16 professores. A' sobremesa discursaram os srs. barão Pêres da Silva, brindando o sr. Lampraia; João Chaves, redactor da *Gazeta de Noticias*, visconde de Avella, Camélio Lampraia, e general Cunha brindando o Brasil na pessoa do seu Presidente, o dr. Belizario de Souza, Camélio Lampraia á imprensa brasileira, o dr. Pederneiras agradecendo, e por fim José do Patrocínio em nome da imprensa, n'um discurso brilhantissimo, a Portugal na pessoa do seu Rei.



O banquete offerecido no Rio de Janeiro ao sr. Camélio Lampraia

A' SAHIDA DAS CÔRTEZ PORTUGUEZAS

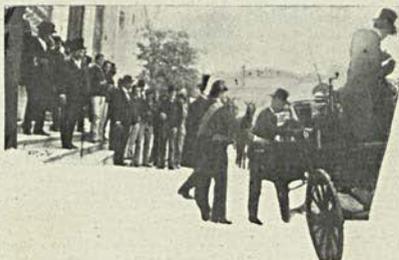
INSTANTANEOS



A' porta das côrtes



Um grupo de jornalistas, vendo-se à frente
Raphael Bordallo Pinheiro
e **João Chagas**

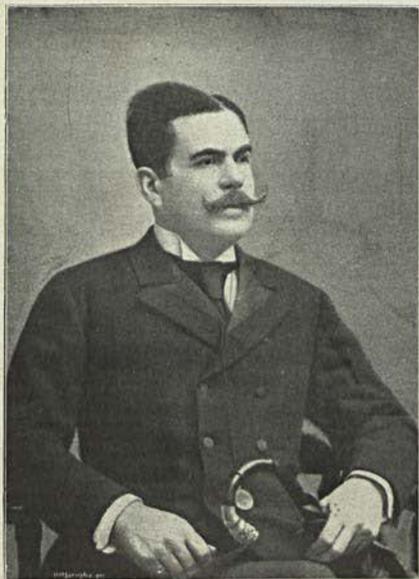


O conselheiro **João Arroyo**, ministro dos Estrangeiros
à espera da sua carruagem



O conselheiro **José Dias Ferreira**
conversando
com o conselheiro **Ferreira do Amaral**

OS "LEADERS" REGENERADORES



FREDERICO GUSMÃO CORREIA AROUCA

«Leader» na camara dos dignos Pares do Reino
Antigo advogado, orador de palavra facil e simpatica, antigo ministro
das Obras Publicas e Estrangeiro



JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO

«Leader» na Camara dos Deputados
Antigo delegado do Ministerio publico, orador de palavra enérgica e vibrante,
conselheiro d'Estado, antigo ministro da Fazenda, Obras Publicas e Reino

NOTAS DA QUINZENA



Os novos ministros continuaram a receber, e recebem ainda, nos seus gabinetes, os cumprimentos dos seus amigos, dos seus admiradores, dos seus correligionários e dos seus subalternos. Por diante de cada um dos novos secretários d'Estado tem passado, ha trez semanas, descrevendo as diversas mesuras do estylo, tudo quanto ha de alto interesse politico, de cubica financeira, de expectativa ansiosa, de muito attenta e veneranda consideração, em volta d'um governo constitucional, que substitue outro governo constitucional que caia.

Nada mais pittoresco, nem mais divertido, nem mais comico, do que essa apresentação de saudações, de protestos de amizade, de preitos de vassalagem, que os mesmos individuos, as mesmas personalidades, os mesmos corpos constituídos vão depór aos pés, aos quatorze pés — quando não são mais — dos sete membros d'um gabinete novo.

Chegam primeiro os amigos intimos, os antigos camaradas do Lyceu, os contemporâneos da Universidade, e no primeiro momento se recorda, com gaudio, o tempo que já lá vai, de tão saudosa memoria, em que o ideal era outro, tão outro, que a policia intervinha e lh'o dissolvía sempre; e quando não é o proprio ministro que commenta essa recordação dizendo: — «Quem poderia suppor, naquele temp'o, que tudo isso mudaria como depois mudaria!...» são os amigos que lh'o lembram, com palmadinhas no hombro, avisando a memoria desvanecida d'aquellas rapaziadas: — «Quem nos diria a nós, quem t'ò diria a ti, que ainda um dia serias o conselheiro da Corôa!»

Chegam depois os directores geraes, os chefes de repartição, os outros funcionarios, e o ministro reveste o seu mais bello ar de grave afabilidade; e emquanto dura a cerimonia d'esse acto, em que uma multidão de homens, expressamente remunerados pelos cofres do Estado, verga o espinhaco na presença d'um outro homem, que afinal é tanto homem como elles, vae o ministro dizendo, como quem diz de côr uma velha coisa sabida, a confiança que tem na muita lealdade e no muito zelo com que espera ser auxiliado e servido por parte de todos elles, — de todos elles que só pensam, precisamente, na melhor maneira que terão de o intrujar, a elle...

Veem depois os banqueiros, sempre desinteressados e sempre a 10 por cento; veem os syndicateiros, para o fomento das industrias, para o fomento da agricultura, e, sobretudo, para o seu fomento; veem os deputados, e veem os pares, aos pares, dispostos á votação de quantos projectos de lei para o ministro sonhar sempre no interesse da patria.

Veem as corporações civis, as corporações militares, as corporações ecclesiasticas, e todas ellas no melhor proposito, mais decidido e mais firme, de chegarem a harmonisar, só por amor do governo, os interesses mais diversos e as opiniões mais antagonicas.

Veem deputações, veem comissões de todos os pontos do paiz, d'esta e d'aquella parte; veem as associações commercias, as associações industrias, as associações operarias, as associações de soccorro mutuo, e, entre estas, a Associação Protectora dos Animaes...

Veem todos. Veem tudo!
E o ministro sorri, cumprimenta para a direita e cumprimenta para a esquerda, aperta a mão a este e aperta a mão áquelle, oferece dos seus charutos, oferece os seus servicos, e promette, promette, promette... Depois, um bello dia, sendo certo que um homem não pôde chegar para tudo, e como não lhe deram tempo para mais, o governo cae, e tudo se ficou em promessas.

Ha então alguém que observa:
— «Mas sendo sete os ministros, como de facto são, porque é que nem um só d'elles tem tempo, emquanto está no poder, para fazer alguma coisa de getto, que se veja, e fique?»
Porque a mesma coisa se passa com todos elles, e cada um d'elles não consegue ter mais que o tempo necessario para receber e agradecer os cumprimentos dos seus amigos, dos seus admiradores, dos seus subalternos e dos seus correligionarios.

Se não é possível dizer, d'este governo, que elle inventou a polvora, nem sequer a polvora sem fumo, alguma coisa lhe devemos já de bom e de efficaz.
Viu-se no *Diario do Governo* a determinação expressa da prohibição do jogo, e a todos os governadores civis e administradores do concelho foram communicadas, em circular, as instrucções mais detalhadas, e as ordens mais rigorosas, para o seu exacto cumprimento.

Pela primeira vez se viu, assim, um homem d'estado ser coherente, dentro do governo, com as affirmações que fizera na opposição. O Sr. Hintze Ribeiro tinha declarado, um dia, na Camara Alta, que um dos primeiros actos do gabinete regenerador, a que elle viesse a presidir, seria a repressão do jogo. Sabindo ao poder, uma das primeiras medidas do seu gabinete é, com effeito, essa.

Agora, o lado comico do caso.
Em Portugal, onde toda e gente joga, toda a gente reclamava o

cumprimento de uma lei, que caíra no esquecimento, e pelo desrespeito d'ella dois grandes males resultavam: o principio de desmoralização inherente á roleta; e, em principio, a desmoralização que ha sempre no facto de existir uma lei e não haver força bastante para a fazer cumprir.

Um grande periodico, o *Jornal do Commercio*, empreheudo nesse sentido a mais renhida campanha que vemos visto sustentar na imprensa portugueza em deleza d'uma causa justa, e toda a gente acompanhou com enthusiasmo e applauso a iniciativa do jornalista que para tanto teve animo.

Cada manhã, ao receber o benemerito jornal, a primeira coisa que o portuguez procurava era o artigo contra o jogo, e saboreava-o com delicias. Eram verdadeiras como punhos! Houve um momento em que o *Jornal do Commercio* teve a sua melhor agra nas suas particularidades e nas casas de batota. Entre os banqueiros da Rua dos Capellistas e os banqueiros do Arco do Bandeira, os artigos de Alfredo Gallis eram discutidos e commentados com as mais sinceras demonstrações de apreço. As Academias de bilhar conferiam ao nosso amigo o diploma honroso de seu socio... correspondente. Jogadores que fugiam ou se suicidavam, depois de terem perdido á roleta tudo quanto haviam roubado, era ao nosso amigo que dirigiam a sua ultima despedida, louvando-lhe ainda uma vez, á hora da partida ou á hora da morte, a pertinacia da campanha, e estimulando-o a proseguir!

Finalmente, cae o governo presidido pelo Sr. José Luciano, e só então consta á Corôa que o descasto da lei estava sendo uma coisa escandalosa no respeitante ao jogo. Acto continuo, apparece a portaria do dia 6 do corrente.

Agora, passados apenas tres dias, só nos resta encontrar no *Jornal do Commercio* um artigo que comee nestes termos:

— «Mal avisados andámos nós, quando emprehendemos a campanha, que por tanto tempo aqui trouxemos travada, contra o jogo de azar em Portugal. Mal avisado andou o Governo, dando ouvidos ás fôssas reclamações. A situação desesperada em que se encontram, a esta data, milhares de familias que só no jogo encontravam um meio licito de vida; a desolação em que vemos as praças de Espinho, da Granja, da Figueira, e, para não irmos mais longe, do Estoril e Cascaes, levam-nos a implorar dos poderes publicos as necessarias providencias, para que se ponha um termo legitimo a um tal estado de coisas...»

E se tivermos a franqueza bastanta para confessar que, ainda hontem, as lagrimas nos embargavam a voz, ao regressarmos do Estoril, onde de balde procurámos um 27 para jogar em cheio, e em que nos dehamos fundado um verdadeiro palpite, não nos dehamos fundado, digamos esperar ainda ver esse artigo assignado por — Alfredo Gallis.

Prohibido o jogo, a situação é esta.

Accontento que os ministros não tiveram tempo para mais do que receber cumprimentos e felicitações; e tendo a questão magna do jogo mettido a um canto todos os outros insignificantes successos da quinzena — a chinciza foi, nos quinze tentativas, procurar entre os mortos notaveis dos ultimos quinze dias o assumpto que lhe escasseava entre o numero dos vivos.

O elogio da Marquessa de Monfalm, fallecida no dia 2 do corrente, daria, só por si, o assumpto de um formosissimo volume, para quem pode reunir, simplesmente, sem atavios de rhetorica panegyrica, deixando d'elles correr o proprio commentario, exoptante e natural, todos os factos conhecidos, e desconhecidos pela maior parte, da bondosa missão de caridade que essa illustre senhora andou cumprindo na terra.

A Marquessa de Monfalm teve a nevrose do bem, a loucura benigna da misericórdia, a monomania da esmola.
Quem não a conheceu em pessoa, quem não teve occasiao de colaborar com ella, por ella estimulado, na pratica de alguma boa obra — porque essa illustre senhora não se contentava com fazer todo o bem que podia, e constringia os outros a que com ella o fizessem — certamente a conheceu de tradição, pela noticia de muitos dos seus actos, alguns dos quaes revestiram até a fórma pittoresca da anedocta.

Que a lembrança risonha de uma d'essas anedoctas possa interromper, por um instante, as lagrimas que estão caindo por ella.

Conta-se que a Marquessa de Monfalm, apalpando-se uma vez do seu trem á porta da Livraria Fern, e como acabasse de chuscivar, visse um sujeito estender a mão, no momento em que ella entrava, sem reparar no individuo, a Marquessa procurára alguma coisa no seu sacco; e tirando ao acaso uma meia corôa, com a ponta de dois dedos e depozera na mão que via estender-se.

Sempre no habito evangelico de fazer todo o bem sem olhar a quem, a Marquessa não reparára na pessoa a quem dava esmola, accontento que o pobre, d'essa vez, era um rico banqueiro, e titular tambem... — o qual estendera a mão, a ver se ainda chovia...



MARQUESSA DE MONFALM

João de Castro Lopes



ESTE illustre brasileiro, que se encontra em Lisboa, vem n'uma missão que a si proprio impoz, de resultados uteis e benéficos para todos os povos que tem por idioma o de Camões.
Melhor do que o poderíamos fazer, a carta que o sr. Castro Lopes teve a amabilidade de nos dirigir explorari o intuito d'essa propaganda que breve se traduzirá em diferentes conferencias que tenciona realizar em Portugal.

Redacção do *Brasil-Portugal*.

Havendo carta vossa recebido, em que informações me pedis, ácerca da propaganda que sobre a lingua portugueza tomei a hombros, por meio desta me apresso do assumpto em responder-vos.

Após ter feito conferencias publicas em alguns Estados do Brasil, com respeito á lingua portugueza, e haver naquellas declarado ir publicar um trabalho sobre a apreciação dos diferentes vicios de linguagem, outrosim resolvi taes conferencias fazer em Portugal, por

ser esta nação a patria do bello idioma de Camões, Filinto Elysis, Manuel Bernardes e outros proeminentes vultos da lusitana lingua.

Não se diga, entretanto, que é intento meo vir á crystallina fonte do luso idioma negar a limpidez dos seus riquissimos vocabulos; ao contrario: tem por fim a propaganda da lingua portugueza no Brasil e Portugal defender justamente a riqueza dos seus variadissimos termos accomodados á modalidade dos nossos pensamentos.

Para esse fim organizei um trabalho em dois volumes, intitulado: "Palestras com o povo." Trata o primeiro volume sobre a pronuncia viciada, sob o titulo especial de "Dialogo prosodico.", escripto em estylo humoristico e tendo como personagens: o *Vicioso* e o *Correcto*.

Occupase o segundo volume do estudo da impropriedade dos termos, isto é, das palavras empregadas fóra do seu sentido proprio, sendo n'este volume adoptada a forma da *historieta* por meio de *quiproquias*.

Sem pretenções a mestre escudei meo trabalho com a sublime divisa: *ridendo castigat mores*, e tão sómente para corrigir os erros do povo, e não apontar os senões do letrado.

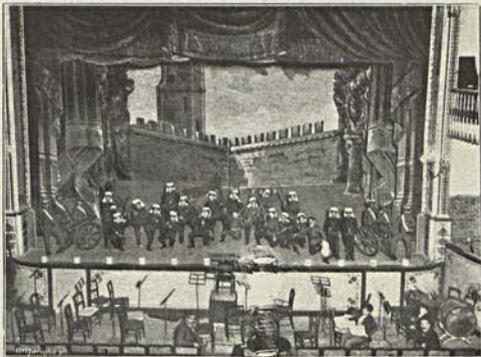
Eis, pois, explicada á illustrada Redacção do *Brasil-Portugal* a natureza da minha propaganda, e pela valiosa importancia que a esta ligou, aqui me subscrevo com a mais alta e subida consideração

Lisboa, 10 de Julho de 1900.

Do V., etc.

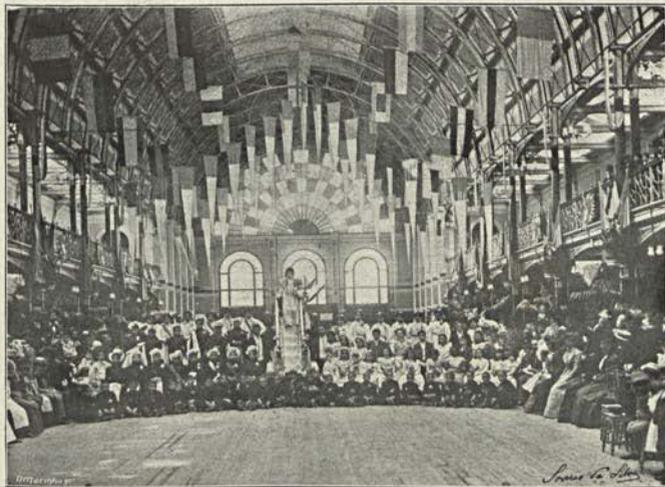
João de Castro Lopes.

PORTO



O theatro *Águia d'Ouro*

Porto



A nave central do *Palacio de Crystal*

ESTE novo theatro, que fica em frente da igreja de Sauto Ildelfonso, no Porto, está construido com todas as condições de conforto e segurança. Na sala, que é espaçosa, correm á volta da plateia uma galeria e duas ordens de camarotes, de decoração simples mas de gosto, e bem illuminados a gaz e electricidade. Em volta do palco, que é vasto, duas ordens de camarins, aos quaes dá ingresso uma varanda servida por uma larga escada.

A evacuação do theatro, mesmo nas noites de maior enchente, faz se rapida e facil, pelo bem combinado das sahidas.

Inaugurou-se com uma companhia equestre, para cujos trabalhos a plateia se transforma.

ESTA gravura reproduzindo a sala da nave central do *Palacio de Crystal*, do Porto, é copia de uma photographia tirada em uma tarde de Maio, quando ali se realisava uma "Festa de rosas, organizada pelo professor de dança o sr. A. Lopes. Da sala do theatro Gil Vi-

cente, anexo ao salão, sahii um numeroso grupo de 97 creanças, todas engrinaldadas de flores, formando o cortejo da Deusa Flora em vistoso carro triumphal. A' sua entrada, as creanças entoam-lhe um hymno de saudação, acompanhado pela banda de pequenos asylados do Barão de Nova Cintra e pelo professor o sr. Xisto Lopes, no grande órgão que magestoso se ergue ao fundo do salão.

Fragmentos de um diário de viagem

Meus caros amigos

Pediram-me a minha colaboração para a sua excellente Revista. Como inicial contribuição *ai lhes mando as primeiras paginas — as unicas — de um livro que nunca se escreveu. Rebuscando nos meus livros de viagem, lá se encontraram esquecidas. Se as julgarem dignas da hospitalidade do Brasil, Portugal, serão illas tudo o que restará da projectada Excursão á Escandinavia, cuja publicação integral perderei por diversos motivos a oportunidade.*

Colliga muito affectuoso
Consigliert Pedroso.



Touca das mulheres do povo na ilha de Walcheren

Bahia de Biscaia, a bordo do vapor *General*, 5 de agosto de 1898.

Estou-vos vagando, depois de curta mas accidentada travessia pela costa portugueza, em plena bahia de Biscaia!... Era sonho, que de ha muito acariciava, o poder inscrever no diário das minhas peregrinações a impressão da passagem por essas agoras tão tristemente celebres nos annos da navegação europia, e tão justamente temidas pelos marinheiros de todas as nações, merço dos dramas lugubres, que n'ellas encontráram o sinistro epilogo... Afinal, como de resto acontece quasi sempre com as nossas mais acalentadas esperanças, tambem esta — de contemplar eu proprio as magestosas eólicas do mar cantábrico — se me converteu em desoladoro desaluzado!

Quando esperava, com effeito, assistir ao espectáculo terrível, mas bello, de uma d'essas convulsões do oceano em furia, que me faria recordar o famoso *quez ego* do manto, acho-me em face da verazitaria realidade de uma ridicula exortação quasi de recreio, sem incidentes, por um mar a baloucar se preguiçosamente em torno ao nosso navio, sem virilidade, dir se-hia a murmurar endexas dolentes e melancolicas, como se com semelhante suavidade efeminada pedesse condonar-se a tradição secular da sua afamada ferocidade...

E sem querer estabelecer impertinentes paralelismos, mas por inevitavel associação de ideias, alongando do mar a vista á terra, vi n'esse golpho de Biscaia, em inexplicavel quietação, o symbolo do outro gigante valeroso, transmudado, porém, hoje em acobardada victima perante a serie de desventuras, que talvez, mais do que o sangue, lhe estáo mbaratando a honra. Terra e mar, ambos abastardados, e tão diferentes do que eu os tinha sonhado!... Pobre Hespanha! Pobre golpho de Biscaia!

(1) Allusão á tranquillidade com que em Madrid e nas provincias se recebem as noticias das tremendas e successivos desastres das esquadras espanholas.

Canal de Inglaterra, á vista da costa de Kent, a bordo do *General*,
7 de agosto de 1898.

O unico incidente a mencionar desde que perdemos de vista a costa portugueza, foi o apparecimento do nevoeiro, que por espaços de muitas horas nos envolveu completamente. Era so sobre o cabo Finisterra. Navegávamos por um tempo claro e calmo, bastante proximos de terra, a ponto de lhe distinguirmos com toda a nitidez o relevo, quando de repente, com tal rapidez que nem houve espaço para fazer a menor manobra de prevenção, nos vimos rodeados por espessas nevas, que dentro do proprio navio tornava impossivel distinguir os objectos a alguns passos de distancia.

Começou então activa faina a bordo. Apesar de ser ainda de dia, accenderam-se os pharos, diminuindo-se o andamento á macha, para atenuar os perigos de possível colisão com qualquer outro navio, que desorientado tambem pela mesma causa, se atravessasse no nosso caminho. E como principal medida de cautela começou o *General* a apitar, de minuto a minuto, com silvo plangente, cadenciado e lugubre, a que de vez em quando respondia de fundo do nevoeiro outro silvo á algum vapor invariavel, perdido como nós em meio da erração...

Jámais esquecerei semelhante espectáculo, inquietador e phantastico a um tempo. N'aquellas paragens tão frequentadas por navios, que em todas as direcções se cruzam, um nevoeiro é sempre accidente perigoso, ou pelo menos cheio de imprevistas contingencias, *sedr unangehem* (!), como murmuravam com mal disfarçada preocupação, os proprios officios de bordo.

Para mim, porém, que contemplava o interessante phenomeno com olhos de artista, nada mais indifferente do que a secura a que durante essas horas de angustioso sobresalto servio de centro o *General*. A linha de separação entre o ceo e o mar, que normalmente representa um ponto de apoio para repousar a vista a quem anda embarcado, apagára a a densa névoa, de modo que o nosso navio parecia suspenso em meio de uma nuvem a fluctuar a secura ampuro na vastidão do espaço... Era a miragem do abyano, a que vinha dar ainda o ton de singular hallucinação a melopeia compassada e triste dos gemidos dos demais vapores a silvar, que dos diferentes pontos do horizonte una aos outros respondiam, afastando-se depois pouco a pouco, até se perder so longe, como echo quasi apagado no silencio da escuridão, a vibração derradeira de cada signal de alarme.

Assim tinha eu lido nas velhas lendas escandinavas a narração da mythica caçada celeste, capitaneada por Odin, em que de todos os cantos do ceo rezevavam os latidos insistentes dos gigantes do mar, e os rousos bramidos das gigantes businas sopradas pelos Aeser. Esta recordação opportuna da mythologia das Eddas, tão appropriada alem d'isso como prologo de uma viagem á Noroega, fazendo-me esquecer o perigo real que corria-mos do um abaloamento, ou de ir de á costa, que, apesar de invisivel, tão perto de nós adivinhavamos, permitto-me reconstruir a poesia de um dos espectáculos mais admiráveis, a que tenho assistido.

O máo tempo, que desde Lisboa nos tem vindo a perseguir, parece que com a aproximação do mar do Norte promette fazer crise, para peor. Pelo menos affigura-se-me este o prognostico mais provavel, que do aspecto carrancudo das ares me é licito tirar. O mar, cada vez mais encrespado, reflecte as tintas sombrias do ceo inglez — pardacento e opaco. As bategas d'agua, em que se desfez o nevoeiro dos dias precedentes, vão engrandando a ponto de tornarem impossivel, mesmo na parte resguardada, a permanencia sobre a tolda do navio, que todo adorna a um lado ao pezo das cataratas, que do alto se despenham em agoceiros medonhos.

O recivo de que a borrasca, desencadeando-se, atrassese ainda mais a nossa viagem, cuja duração tem fatalmente de terminar n'um prazo fixo, junto á justificada ansiedade de me libertar quanto antes da immunda prisão fluctuante, onde eu e os meus companheiros de viagem soffremos durante cinco dias, longos como annos, toda a casta de martyrio — desde o balanço intoleravel, caracteristico de um chuveco só bom para pontão, até ao mais inacreditavel desmazelo na economia da nossa instalação interior — determinaram me a desembarcar em Flessingen, conjuntamente com o meu sympathetic amigo Guilherme Pinto Bastos e sua encantadora esposa.

Foram estes os cretinos providencias, que a minha bóa estrella me fez encontrar para partilharem comigo das agruras do calvario, que o *General* nos offertou... O que teriam sido, sem Deus! sem elles, sem a sua corajosa resignação a servir-me de exemplo, esses cinco dias, cuja recordação, apesar d'isso, eu julgo que me ha de perseguir até ao fim da minha vida como pezedello sinistro?

O que teriam sido?... Estremeço só ao formular semelhante pergunta.

O que é certo é que acabamos de pôr pé em terra hollandeza, e que o *General*, livre das nossas penas, está envergado com as nossas maldições — lá se vagando em direcção á Hamburga, sacudido pelas vagas do mar Germanico... E' uma hora da noite, e do caos onde desembarcámos já se divisam vagamente os contornos do suspirado porto. Como me vão parecer doce esta primeira noite passada na bóa Hollanda, e que para mim ha de ser sempre o meu parador, acalento brandamente pelo ligero rumor de um grande moimbo, que lá fura a coroar a paisajagem inundada de lux eu distingo pela janella envidraçada do meu quarto!...

Flessingen, 9 de agosto de 1898.

Providencial máo tempo que me obrigou a arribar a Flessingen, pois sem elle nunca decerto teria visitado um dos recantos mais pittorescos e mais interessantes d'esta Europa, que eu julguei não ter já surprises alguma para o viajante!

Com effeito, viajar na Hollanda é cousa trivial, vulgar mesmo. Muitos o tem effeito e continuam fazendo todos os annos com a maior facilidade e frequencia. A viagem, usual porém, á Neerlandia estende-se apenas ás suas grandes cidades, desde Amsterdam e Rotterdam — os grandes emporios commerciaes até Hava — até recalada a garrida residencia dos poderes politicos da nação. Uma ou outra vez são visitadas algumas das cidades de segunda e terceira ordem, como Utrecht, Leide, Harlem etc. Das praias conhece se principalmente Scheveningen, uma das mais afamadas estações balneares cosmopolitas. E quasi sempre por aqui se fica.

(1) Muito desagradoavel.

Comtudo existe para o observador, curioso de contrastes, uma pequena região dentro da Hollanda, que vale bem todas as riquezas da metropole do commercio neerlandez e todas as elegancias da capital da velha Batavia. Esta região é a ilha de Walcheren, a que o acaso de uma viagem incommoda acabava de me trazer.

Paiz fértil e tão fértil, os ordinarios e mencionados como o jardim da Hollanda, tudo n'elle dispersa no mais alto gráo a nossa attenção. Mas sobretudo são os costumes e os usos da sua população característica o que melhor aguçá a curiosidade do forasteiro.

Ninguém dirá, ao atravessar este original recanto, que apenas poucas desmas de separam de alguns outros e tão buliosos centros da cultura europea. Terra e gente — de resto em intima conjuncção — parecem estar pelo aspecto primitivo e singelo, que lhes imprime caracter, a tres ou quatro seculos de distancia d'essa civilização, que por todos os lados seculo poder mostrar-lhes a apparencia. Que singular emoção eu senti ao passar a primeira vez por estas ruas tão silenciosas do Flessingen e do Middleburgo, onde as pessoas, que encontrava, homem, mulheres ou crianças indistinctamente, me saudavam com a bonhomia chã e simples dos antigos tempos da vida patriarcal, e das janellas envidraçadas, entre as flores que adornavam as emolduravam, me sorriam com o seu sorriso encanto as bellas filhas da Zeelandia!... Onde? em que cidade da Europa se encontra hoje uma candura assim? E lembrar-me eu de que nos achamos a algumas horas apenas dos boulevards de Paris e de Bruxellas... Inconscientemente descobria com respeito diante d'aquella boa gente, e foi com verdadeira saudade, posso affirmar, a que me despedi sobretudo de Middleburgo, em que estivera apenas algumas horas, mas onde me parecia deixar alguma coisa do meu coração, que sentiria não tornar a ver.

Apesar dos caminhos de ferro e não obstante o contacto quotidiano com os estrangeiros, que de Inglaterra principalmente vão desembarcar em Flessingen, a fim de se dirigirem p'los grandes expressos para o centro da Europa, a população da ilha de Walcheren tem se conservado fiel aos seus costumes usos, curiosissimos sobretudo no traje e no tocado das mulheres do povo, e em geral na maneira de vestir da gente do campo. E, não ha duvida, em que os recantos mais originarios e característicos da Europa.

Ao contrario do que acontece nos grandes centros da Hollanda, propriamente dita, os zeelandeses, mesmo nas cidades de Flessingen e Middleburgo, apenas fallam a sua lingua, parecendo na maior parte ignorar a existencia dos dois grandes idiomas, que tão parte d'elles principiam o seu dominio — o allemão e o francez.

E a que agradações, mas ás vezes ainda agradaveis episodios, dá esta particularidade a todo o momento logar! Orgulhoso com o meu polyglotismo julguei eu poder encontrar no arsenal philologico proprio campo de communicacão com os naturaes do paiz, se bem que fosse incapaz de comprehender uma palavra sequer de allougue me falarem, pois nunca o ouvira pronunciar. Nas lojas, para adquirir qualquer objecto, nas estações de caminhos de ferro ou nos tramways para comprar os bilhetes, na rua para inquirir do caminho que devia seguir, invariablymente o *sprechen Sie deutsch*, precedido do *parles vous francais*, a que se acrescentava o ultimo recurso já do *do you speak english*, obtinham sempre a mesma desanimadora e laconica resposta: *nee!* Não havia meio de lhes arrancar outra.

Lembro-me ainda — isto passou-se hontem — de uma bella rapariga a quem eu queria perguntar o preço d'uma *soffe*, e que por seu lado empregava todos os esforços para me explicar o que quer que fosse tambem, que nunca cheguei a perceber. Depois de repetidas mas infructiferas tentativas a pobre da donzella desistiu de se fazer comprehender; fitou-me com o olhar esmorecido e, fazendo um pequenino arremedo de sorriso, desappareceu por fim. E eu, que me julgava com uma outra coisa pedida a comica situação em que nos achavamos; mas no fundo fiquei despondido, ou mais exactamente vexado pela minha insufficiente linguistica.

E assim nos quedámos algum tempo, até que, com um gesto mudo, me despedi d'ella, considerando comigo mesmo porque motivo não teria eu nunca tentado fallar hollandez...

E como esta aventura me succederam dezenas já, desde a primeira que representou para mim memoravel *Odyssey* em busca de um chapéo de chuva (a que a chuva chegou sempre) até a ultima que me valeu uma tremenda constipação, por me ter de noite perdido do meu hotel sem poder a elle voltar durante algumas horas, passadas ao relento humido e frio, visto não haver conseguido fazer-me comprehender para perguntar o caminho!

.....

Apesar da estreiteza das dimensões da ilha de Walcheren, tanto Middleburgo como Flessingen são duas cidades bellas de vista, e habitanes cada uma, e de relativa importancia. Middleburgo tem um museu de antiguidades, uma sociedade de sciencias, um museu de pintura, curiosos Gobelins na Ábada e no Palacio de Justiça, grande numero de fachadas antigas, pittorescas em mais alto gráo, alem de encantadores passeios e de um delicioso parque com o classico molinho, completamente indispensavel de toda a paisagem hollandez.

Flessingen, menos original talvez, mas não menor interesse do que a sua vizinha, mostra com orgulho um museu de antiguidades tambem, e a estatua do almirante De Ruijter, os monumentos dos escriptores Wolf e Deken, mas acima de tudo, porque é isso o que constitue a sua principal fonte de pro-peridade, o grande porto e os estalleiros, que lhe dão proeminente situação maritima e commercial no mar do Norte.

Como é, porem, que a segunda capital da ilha de Walcheren, convertida em importante centro de trafico e de industria, conserva com tão singular pertinacia os velhos usos e a exterioridade pouco mais ou menos das chamadas «cidades mortas», que, como Veere na mesma região, são apenas reliquias, quasi archeologicas, de outras eras? Não é muito facil de explicar este curioso caso de stivismo ethnographic, que eu entendo o facto incontestado. E no fim de tudo, não se repete elle mais vezes do que a simples vista nos parece? E' tenaz a persistencia com que, mesmo em meio dos progressos da adiantada virilidade, as sociedades e os individuos se ahermam ás velhas formulas da primeira infancia. Porque havia um recanto d'esta boa terra da Hollanda, aonde se deixei que se impõe, por uma fatalidade superior, aos homens e ás nações?!

No mar Hattico, a bordo do *Prinz Waldemar*, em frente de Karsör, 18 de agosto de 1898.

Por um mar de leite, tão liso e tão espelhado como se fóra vasta planície de prata, em que o sulco do nosso vapor deixa apenas como vestigio uma larga banda azulada, encrespada ligeiramente, acabamos de fazer mais de dois terços da travessia de Kiel a Karsör, o porto dina-

marquez testa do caminho de ferro, que nos ha de conduzir a Copenhague. Que de emoções não despertou em mim este trajecto, parece que tallhado de molde a acordar dolorosas recordações em todo o homem de coração!

Já quando atravessavi o Slewig eu senti esse estremecimento solenne, que nos abala ao pisar um solo sagrado, passando então pelo meu espirito a vista de Aisen e de Duppel — as heroicas Thermopylas do povo dinamarquez — e sentido resoar aos meus ouvidos, como grita de guerra mal extinto, as estrophas inflammandas do *Derover fra Grendes* de Holger Dracmann...

Quando chegamos a Kiel, estacionava no porto a esquadra coraçuada allemã, que ultimamente ali se concentrára n'uma das apparatus evoluções guerreiras, tão predilectas do Kaiser. Obbedecendo á imperiosa necessidade de formular o meu protesto contra o direito da força — o *Foutrück* — de que essa esquadra, provocadoramente empavezada em semelhantes aguas, era o symbolo eloquente, não pude conter-me que não perguntasse ao meu mais proximo companheiro de viagem n'essa occasião, que aconteceu ser por acaso o professor Böttlingk de Carlsruhe, se na sua consciencia de historiado, e não obstante ser allemão, encontrava absolucão para o altoçado que contra a Dinamarca se consumára. O meu interlocutor biomarkiano *enragé*, como d'ahi a pouco tive occasião de verificar, contentou-se com encolher os hombros, e apontando maliciosamente para o amplo estuario, que diante de nós se abria, já com largura do verdadeiro mar, pronunciou com modo sentencioso apenas estas palavras: «a maior gloria do grande chancelier, que acaba de expirar, foi o ter comprehendido que não podia existir uma Allemanha forte e preponderante sem esquadra, e que não podia haver uma esquadra allemã sem Kiel. Ah! tem a explicação da guerra dos Dardanelos, que representa a primeira pedra no edificio da nossa grandeza, de que foi indivisivel architecto o fallecido de Friedrichsruhe!»

As cinco horas que gastámos para chegar a Karsör foram deliciosas. Nunca me lembro de ter feito travessia assim. No mar nem a mais leve aragem desviava o curso do *Prinz Waldemar*. A primeira terra d'onde parcouz — surgiu no horizonte, foi á nossa esquerda a ilha de Langeland...

Z. CONSIGLIERI PEDROSO.



SONETOS

(Do auto de Fern do Dia) — *Novellas de Portugal*

Ào cerrar da noite

Rente ás alimbas, sob as oliveiras
Que pareço que a estão a abençoar,
Avista-se uma casa entre as primeiras
Atrigueiradas casas do logar.

Parece ser a avó das companheiras,
Velhinha e humilde... A luz crepuscular,
Visto á ramada, á frente, altas videres
Espalham filhas novas pelo ar.

Já voltaram da ceifa. Ao pé da porta,
Os de candeia saler vigo lamentando
As nascentes sem agua, a vinha morta...

Emquanto n'outra roda, á novidade,
Uma linda velhinha está contando
Contos que fazem scismos e saudade...

Ào subir do luar

Fino luar, como um luar de agosto,
Ainda avistou o sol quando partia,
Tal como um Rei Magnifico deposto
A quem um loiro Infante succedia.

Pela face do céu, pelo seu rosto,
Passam assuados frios de agonia,
Como se a luz, cheia de desgosto,
Fosse a fazer alguma prophécia...

Vae pelo povoado, de passagem,
Com seu estromdo, um rancho, onde se canta,
Caminho singular d'uma romagem:

Ladram os cães com modos de quem ralhã,
E d'uma erva branca se alegre
Todo o barulho d'uma alegre malha.

(S. Pedro do Sul — Portugal)

ANTONIO GONÇALVES D'OLIVEIRA.

O PRINCIPE DE JOINVILLE

Nasceu em 1818 — Falleceu em 1900

FILHO terceiro de Luiz Philippe de França, o Príncipe que acaba de fallecer foi por muitos annos uma das figuras mais interessantes da antiga marinha franceza.

Educado no lyceu Henrique IV, entrou na Escola Naval de Brest precedendo exame publico. Em 1838, depois da declaração de guerra ao governo mexicano, distinguio-se a bordo da corveta *Créole* atacando o forte Saint Jean d'Ullon, e logo a seguir, á frente de um piquete de marinheiros arrombou as portas de Vera Cruz e prendeu o general Arista, façanha que lhe valeu o officialato da Legião de Honra e o posto de accesso a capitão de fragata. Em 1840, foi buscar na fragata *Belle Poule* o cadaver de Napoleão a Santa Helena; em 1843, casou no Rio de Janeiro com a princeza Francisca de Bragança, irmã de D. Pedro II, o último imperador do Brasil, sendo nomeado n'esse mesmo anno contra-almirante; em 1845, commandou a esquadra que bombardeou Tanger emquanto o marechal Bugeaud batia os marroquinos em Isly. Nomeado vice-almirante, ficou commandando a esquadra do Mediterraneo, mas em 1848, encontrando-se em Alger, com o Duque de

Aumale embarcou para Inglaterra, onde foi ter com seu pae.

Em 1870, recusaram-lhe um logar activo na armada, e depois de ter, sob o nome de Coronel Lutherod, americano, tomado parte em varios combates do regimento 15, foi preso pela policia, á ordem de Gambetta, que o mandou voltar para Inglaterra.

Fez parte da Camara até 1876, recolhendo-se depois á vida particular, sendo apenas riscado do quadro da marinha franceza em 1886, por occasião da expulsão dos pretendentes. Grã-Cruz da Legião de Honra em 1839, publicou estudos interessantes, e ainda ultimamente um volume muito curioso intitulado *Vieux Souvenirs*, em que contou, com o bom humor francez, parte das suas memorias, destacando-se d'ellas o capitulo narrando a lucta que teve de sustentar com o Conselho do Almirantado para fazer adoptar um projecto de navio de helice, proposto por Dupuy de Lôme.

O Principe de Joinville era tio paterno da Rainha de Portugal, e por sua esposa, uma princeza portugueza, tambem tio paterno de El-Rei.



4.º CENTENARIO DO BRASIL

No Rio de Janeiro



Visita do General Francisco Maria da Cunha ao Colégio Militar



O regimento escolar apresentando armas ao General Cunha

ROUXINOL DE ROUXINONES



o volta do castello havia um bello parque.

No parque viam-se aves de todas as especies; rouxinones, melros, andorinhas; todas as aves da terra tinham combinado encontrar-se no parque.

Na primavera era um hymno de gorgeios capaz de enasurdecer; em cada folha occultava-se um ninho, cada arvore era uma orchestra.

Todos aquellos musicos infantis, enlupados, davam assaltos á porfia. Uns passavam, outros gorgejavam; estes tinham trinadoes cujas harmonias similhavam perolas, aquellos recortavam fortissimas matissadas de melodias; verdadeiros musicos não faziam um conjunto mais perfeito.

No castello, porém, ha duas bellas primas que, sósnhas, cantavam melhor que todas as aves do parque; uma, chamava-se Fleurette e a outra Isabeau. Ambas eram bellas, appetitosas, e aos domingos quando ostentavam os seus vestidos brillhantes, se os hombros de neve não mostreassem que eram verdadeiras raparigas, suppr-se-riam anjos; só lhes faltava as azas. Quando cantavam, o velho senhor de Maulevrier, seu tio, conservava as algumas vezes entre as mãos, receando que lhes desse na phantasia fugir.

Deixo ao leitor o cuidado de pensar nas soberbas lançadas com que se mimoseavam nas evahadas e torções em honra de Fleurette e de Isabeau. A sua reputação de belleza e talento havia tido a volta da Europa, e todavia ellas não se orgulhavam por isso; viviam na solidão, não vendo ninguém além do pagensinho Valentim, bella creança de cabellos louros, e o senhor de Maulevrier, velho severo, queimado pelo sol e arruinado por ter soffrido durante sessenta annos a sua armadura de guerra.

Passavam o tempo a deitar grão aos passarinhos, a dizer as suas orações e principalmente a estudar as obras dos mestres, repetindo justas algum mote, madrigal, copla, ou qualquer outra musica; tinham tambem flores, que ellas proprias regavam e cuidavam.

Desiliasa lhes a vida n'estas doctas e poeticas occupaçoes de rapariga; conservavam-se na penumbra e longe dos olhares do mundo, e não obstante o mundo occupava-se d'ellas. O rouxinol e a roza não podem occultar-se; o seu canto e o seu perfume trahem os sempre. As noasas duas primas eram simultaneamente duas rouxinones e duas rosas.

Vieram duques, principes, pedis-as em casamento; o imperador de Trebizende e o Soldão do Egypto mandaram embaixadores encarregados de propôr a sua alliança com o senhor de Maulevrier; as duas primas conservaram-se donzellas e não quiseram dar ouvidos a taes propositas.

Presentiam, porventura, por um instincto secreto, que a sua missão n'este mundo se limitava a serem raparigas e cantar, e que se desdourariam procedendo d'outra forma.

Tinham vindo ainda muito pequeninas para esta residencia. A janella do seu quarto deitava para o parque e desde então embalsamava as sempre o canto das aves.

Mal começavam ainda a andar quando o velho Blondin, menestrel do Sire lhes collocou as mãos sobre as teclas virgens do marfim; não conheciam outro brinquedo e soberam cantar antes de fallar; cantavam como as demais respiram; e as flores e a roza não podem occultar-se.

Esta educação influiu singularmente n'aquelles caracteres. A sua infancia cheia de harmonias lograra desvial-as da infancia turbulenta e indiscreta. Jamais haviam soltado um grito agudo ou uma queixa intempitiva. Choravam com prudencia e gemiam com acerto. O sentimento musical, desenvolvido n'ellas, não se imprimiu dos outros, tornava-as pouco sensíveis a tudo que não fosse musica.

Fluctuavam n'um infinito melodioso e quasi não percebiam o mando real senão pelos sons.

Comprehendiam perfeitamente o ruido da folhagem, o murmurio das aguas, o tinnido do relógio, o zumbido da roca, a gotta da chuva cahindo na vidraça que estremecia, todas as harmonias exteriores ou interiores, mas não sentiam, devemos confessar, o grande enthusiasmo ao ver o pôr do sol, e tão pouco podiam apreciar um quadro sem que os seus bellos olhos azues e negros se cobrissem de um veu espesso.

Tinham a monomania da musica. Sonhavam com ella, deixavam de comer e beber; não amavam na terra mais que a musica.

Bem no fundo, tinham ainda outro amor: era Valentim e as suas flores: Valentim porque se parecia com as rosas; as rosas porque se assimilhavam a Valentim.

Mas este amor era considerado por ellas em segundo plano. E' verdade que Valentim tinha apenas 13 annos.

O seu maior praser era cantar á tarde do bonz das suas janellas, a musica que ellas tinham composto de manhã.

Os mais celebres professores vinham de longas terras ouvil-as e lutar com ellas. Porem, assim que ouviam um compasso, quebravam os instrumentos e rasgavam a partitura confessando-se vencidos. Com effeito, era uma musica tão agradável e tão melodiosa, que os cherubims do céu tinham a janella com os outros musicos e aprendiam-a de cór para depois a cantar ao seu Deus.

Uma tarde de maio as duas primas estavam juntas um mote; nunca motivo mais feliz havia sido mais venturosamente abalada e executado. Um rouxinol do parque occulto sob uma roseira, tinha as escutado attentamente. Quando acabou, aproximou-se da janella e disse-lhes na sua linguagem de rouxinol:—«Queria ter convosco um combate de canto».

As duas primas responderam que accetariam com praser e que podia começar.

O rouxinol começou. Era um rouxinol mestre. A debil garganta inchava-lhe as azas, todo o corpo lhe estremecia; era uma catadupa de gorgeios, de harpejos, de escacas chromaticas; subia e descia, corria os sons; eram cadencias de perolas com uma pureza desaperadorada; dir-se-hia que a voz tinha azas como o corpo. Deteve-se, certo de ter alcançado a victoria.

Por sua vez as duas primas soltaram a voz. Excederam tudo quanto podesse existir; o canto do rouxinol parecia, depois de se ouvir o seu, o piar de um pardal.

O allado virtuoso tentou um ultimo esforço; cantou um romance de amor, depois elle cantou um concerto brillhante que corou por um crescendo de notas altas, vibrantes e agudas, muito além de quanto pode dar a voz humana.

As duas primas sem se amedrontarem com este primor de força, voltaram a deixar do seu livro de musica e responderam em tal forma no canto, que a Santa Cecilia, que as escutava do céu, fez-se pallida de inveja e deixou cahir na terra o seu contrabaixo.

O rouxinol tentou ainda cantar, mas esta leticia tinha-o aniquillado completamente; faltava-lhe o ar; as pennas hucaram-se-lhe, os olhos cerraram-se-lhe; ia morrer.

Cantou melhor do que eu, disse elle ás duas primas, e o orgulho de querer vencer-as custou-me a vida. Peço-lhes uma cousa: tenho um ninho; n'esse ninho ha três avessinhas; é a terceira roseira na grande alea do lado do tanque; vô' buscá-las, eduquem-n'as e ensinem-n'as a cantar, visto que eu vou morrer.

Dito isto, o rouxinol morreu.

As duas primas choraram muito a sua morte, porque elle tinha cantado bem. Chamaram Valentim, o pagensinho de cabellos louros, e disseram-lhe onde estava o ninho. Valentim que era um malicioso engracado, deu facilmente com o sitio, pôo o ninho no peito e trouxe-o sem difficuldade.

Fleurette e Isabeau, encostadas á janella, esperavam com impacencia. Valentim veio depressa, trazendo o ninho no mão. As tres avessitas espertavam, abrindo muito o bico. As raparigas tiveram d'os orphositos e metteram-lhes o comer no bico, cada uma por sua vez.

Quando já estavam mais crescidos, começaram a sua educação musical, cumprindo a promessa feita ao rouxinol vencido.

Dava gosto vêr como se tinham domesticado, como cantavam bem. Esvaçoavam pelo quarto, poisando ora na cabeça de Isabeau, ora no hombro de Fleurette.

Enquanto se fazia o livro de musica, e podia-se dizer, com verdade, que comprehendiam as notas, tanto olhavam para o branco e para os traços com ar de intelligencia. Tinham aprendido todas as arias de Fleurette e Isabeau e começavam já a improvisar algumas muito bonitas. As duas primas viviam cada vez mais retiradas, e á tarde ouviam-se seibir do quarto as notas de uma melodia sobrenatural, que excedia a escala da voz natural. As raparigas emagreciam a olhos vistos; aquellas bellas cores desvaneciam-se, estavam pallidas e quasi tão transparentes como ágas-thas.

O senhor de Maulevrier quiz prohibir-lhes de cantar, mas não o conseguiu.

Mal tinham pronunciado algumas notas, desenhava-se-lhe nas faces uma pequenina mancha vermelha, que se ia alargando até acabarem de cantar; a mancha desaparecia então, mas um suor frio corria-lhes da pelle e os labios tremiam como se tivessem febre.

De resto, o seu canto era mais bello que nunca; havia alguma cousa que não era d'este mundo, e quem ouvisse essa voz sonora e poderosa sabir d'essas duas deveis raparigas previa o que havia de acontecer, que a musica despedaçaria o instrumento.

Ellas proprias o comprehendiam e começaram a tocar o seu virginal que tinham abandonado pela vocalisção.

Mas, uma noite, que a janella estava aberta, as aves gorgeando no parque, á brisa suspirando docemente, havia tanta musica no ar, que não poderam resistir ao desejo de executar um duo que tinham composto na vespera.

Foi o canto do cygne, canto maravilhoso orvalho de lagrimas, subindo ás mais inacessíveis imminencias da escala musical, e descendo a escala das notas até o ultimo grau, o que quer que seja de acintillante e de extraordinario, um ditivo de trinadoes, uma chuvia incandescente de notas chromaticas, um fogo de artificial musico impossivel de descrever; mas entretanto a pequena mancha augmentava singularmente e cobria-lhes quasi todo o rosto. Os tres rouxinones olhavam-nas e escutavam-nas com uma anxiedade pasmosa; batiam as azas, iam e vinham e não podiam conservar-se quietos n'um sitio.

Enfim, chegaram á ultima phrase da peça; a voz tomou um caracter de sonoridade tão extranho, que era facil comprehenderem não serem entes humanos que cantavam—os rouxinones tinham desaparecido.

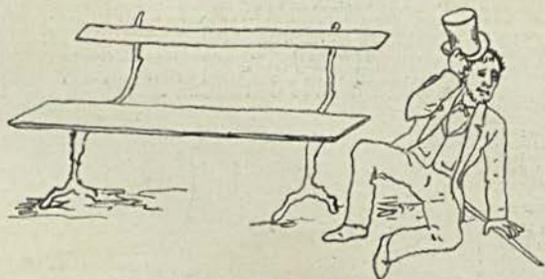
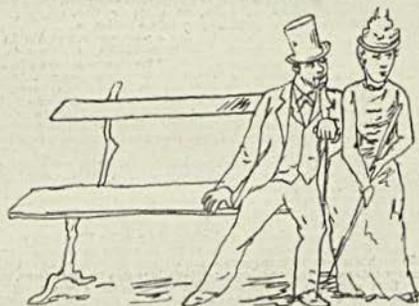
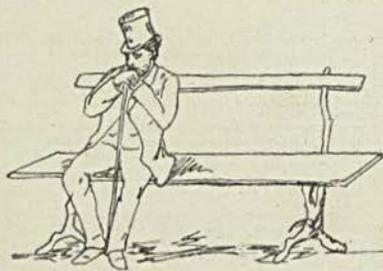
As duas primas estavam mortas. As suas almas haviam partido com a derradeira nota. Os rouxinones subiram direitos ao céu para levar este conto supremo ao seu Deus que os conservou no seu paraíso para executar a musica das duas primas.

Deus o grande, fez mais tarde com esses tres rouxinones as almas de Palestina, de Cimarrona e do cavalleiro Gluck.

THÉOPHILE GAUTIER.



CONTO MUDO



Muito obrigado!

BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão
 Texto e capa: Companhia Nacional Editores
 Largo do Condé Barão, 50
 Páginas suplementares: Off. Estereótipo Nunes & F.^{as}
 Rua d'Assumpção, 18 e 24
 Romance: Typographia Castanhão
 Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores
 Augusto de Castilho, Jayms Victor, Louf5 Tavares
 Editor
 Luiz Antonio Sanches
 Redacção e administração—Rua Ivens, 32
 LISBOA
 Endereço telegraphico—BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	(moeda brasileira.....)	Anno.....	6\$000	Anno.....	8\$000
Numero avulso	2\$500	6 meses.....	28\$500	6 meses.....	45\$000
		3 meses.....	16\$000	Numero avulso.....	5\$000
		Numero avulso.....	3\$500		

SUMMARY

Costumes chineses.—Illustrações de Shirey (americano).
 Chronico Electrico.—O Brasil-Portugal.
 Os acontecimentos da CHINA.—*As impressões da China, Príncipe Kung—Marinha de Pekim—O barão de Ketteler—Templo de Lama ou de Buddha.—Costumes chineses.—Sonhos da guerra.*
 Exercícios militares em Tancoos.
 Camelo Lampreia.
 A sabida das Cortes portuguesas.—(Instantaneos)—Os leaders regeneradores.
 Notas da Quiltsena.—A Marquês de Montfaim.—Alfredo de Mesquita.
 João do Castro Lopes.
 Porto.—O theatro Agulha d'Ouro—A nave central do Palácio de Crystal.
 Fragmento de um diário do viagem.—Consigliere Pedron.
 Sonetos.—Antonio Corrêa d'Oliveira.
 O Príncipe de Joinville.
 O Centenario do Brasil.—Visita do general Francisco Maria da Cunha ao Collegio Militar.
 O ninho de rouxinões.—Theophile Gautier.
 Conto mudo.—Desenhos de Joaquim Costa.

Páginas suplementares

Alvaro Pinheiro Chagas.
 Pires Marinho.
 O busto do commendador Camêlo Lampreia.—Homenagem aos brasileiros.
 Nectario (versos)—Mansel de Moura.
 Os adorns na mulher.
 D. João da Câmara no Brasil.
 Gregos crebros no Brasil.
 A vida do rei Waldemar—Dargand.
 Os cinco sentidos (versos)—Almeida Garrett.
 Tura os namorados.
 Tauronachia.
 Bibliographia.
 Anecdotes.
 Carta da Quiltsena.

40 ILLUSTRACOES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodorico Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alfindes, 4, sobrado.

ALVARO PINHEIRO CHAGAS

Este nosso illustre collega e amigo que ha mezes partiu para o Brasil, como representante do Brasil-Portugal, acaba de sahir de Pernambuco para o Pará e Manaoas.

Em todas as cidades brasileiras que tem percorrido, Alvaro Chagas encontrou um acolhimento extraordinariamente lisonjeiro não só para elle e para a Revista como para o nome glorioso que herdou, e que no Brasil é ainda tão querido e tão estimado.

PIRES MARINHO

Em viagem para Paris, sahio de Lisboa ha dias o sr. Pires Marinho, chefe do Atelier de Photographura e Zinographia, processos aos quaes se tem dedicado como um verdadeiro artista, esforçando-se por desenvolver quanto possível os seus trabalhos entre nós.

O sr. Pires Marinho tenciona visitar depois da exposição, algumas das cidades mais industrias da Belgica e da Allemanha, e, sempre em proveito das artes que cultiva, dirige-se em seguida á America do Norte n'uma missão que elle conta levar a bom exito, tal é a de conhecer de visu os processos mais modernos de photographura e photo-zinco, para os adoptar em aperfeiçoamento do Brasil-Portugal, que lhe tem merecido muita dedicação e actividade.

Espera por isso esta Revista poder em pouco apresentar aos leitores tudo quanto de mais bello existe em photographura.

O BUSTO DO COMMENDADOR

J. S. O. CAMÊLO LAMPREIA

HOMENAGEM DOS BRASILEIROS

A entrega do busto que a nossa Revista hoje reproduz, e que é uma escultura de alto valor artistico, offerta gentil de um grupo de amigos e admiradores ao encarregado de negocios de Portugal no Rio de Janeiro, revestiu o caracter de uma verdadeira solemnidade.

A mensagem entregue n'essa occasião ao sr. Camêlo Lampreia é uma verdadeira apothecose dos serviços por elle prestados durante a sua estada no Rio, como se vae ver pela allocação do sr. general Dionysio Corqueira e pela longa serie de nomes que a firmam, e entre os quaes se conta o que no Brasil ha de mais illustre—pouco são todos brasileiros.

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

O sr. general Dyonisio Queirêira disse:

«Ex.º Sr. Conselheiro Camêlo Lampreia — Os meus compatriotas, amigos de V. Ex.ª e admiradores das suas altas qualidades de cavalheiro e diplomata, impressionados pelo patriotismo, fidalga cortezia e boa vontade com que V. Ex.ª tão eficazmente tem contribuído para apertar cada vez mais os estreitos laços de amizade que ligam á nossa a sua nobre Patria, resolveram, em testemunho dos seus mais vivos e respeitosos sentimentos de affecto, offertar a V. Ex.ª este busto que foi propiamente esculpido por uma distincta Brazileira, para que seja completa a manifestação nacional.»

Coube-me a honra de ser, n'este momento, o interprete do seu pensamento.

Sinto-me cheio de desvanecimento por tão singeiramente escolhe e accetei, sem hesitar, a grata incumbencia, porque ella offerece-me uma occasião propicia para, em caracter particular, patentear a V. Ex.ª um nome dos meus concidadãos, o alto apreço em que é tido entre nós, e o que já, por diversas vezes, tive a satisfação de assegurar a V. Ex.ª em nome do Governo da Republica, quando tive a honra de fazer d'elle parte.

A permanencia de V. Ex.ª entre nós tem sido demasiado breve, mas ha produzido para os nossos paizes os mais beneficos e salutareos effectos.

O honrado nome de V. Ex.ª brilha auroleado de sympathica luz na celebre que-tido da ilha da Trindade, na qual coube ao nosso bom e grande amigo, o glorioso Portugal, o nobilissimo papel de mediador.

O Governo da Republica, reconhecido aos bons servicos que V. Ex.ª nos prestou então na direcção da Legação Portuguesa, deu lhe uma demonstração expressiva e publica, se bem que singela e modesta, da sua gratidão.

Mais tarde, quando toda a raça lusitana, em alvorço, se levantou para commemorar o quarto centenario do portentoso feito, que levou á immortalidade o nome glorioso de Vasco da Gama, foi ainda V. Ex.ª aqui no Brasil o representante diplomatico de Portugal e a sua palavra fidalga e unvida de patriotismo, de fé e de amor, sou os nossos ouvidos como um hymno de fraterlidade e ficou tão profundamente gravado nos nossos corações brazileiros, que surgiu então tri-mpante a bella idéa de perpetuar no bronze d'este busto a gratissima recordação d'aquelles dias, memoraveis para os dois povos d'aquem e d'além mar.

O que valem, porém, estes factos que acabo de relembrar comparados ao quotidiano trabalho diplomatico de V. Ex.ª? Trabalho incessante, patético, modesto, sereno, humilde e sem trevoas, benéfico, eficaz e sem ostentação e sempre adictivo ás reservas, ás conveniencias e ás exigencias da vida diplomatica.

Quem conhece a sua extensão? Quem sabe e pôde avaliar o seu merecimento, a sua importancia? Além do Governo Portuguez, o Ministerio das Relações Exteriores do Brasil e quasi ninguém mais.

É singular a contingencia da carreira, tão honrosa mas tão ingrata, que V. Ex.ª abraçou e que tanto o nobilita.

Os actos mais meritorios de V. Ex.ª, os seus esforços de estudo, de paciencia, de talento, de habilidade e de abnegação para o desempenho dos seus arduos e nobres misteres, ficam registados na sua correspondencia, que raras vezes sahe á luz e quasi sempre é condemnada a ficar sepultada nos segredos das chaves cellarias.

É preciso ter uma alma nobre, bem temperada e forte para ser, como V. Ex.ª, um diplomata de merito real mas modesto, tão útil á sua Patria e tão sem pretensões.

Sr. Conselheiro Camêlo Lampreia. V. Ex.ª pôde orgulhar se de haver, de modo inextinguível, desempenhado aqui a sua missão.

Nenhum diplomata de Portugal, e elle os possui dos melhores, soube conquistar como V. Ex.ª com a maior honra e proveito para o seu paiz, a estima e o respeito não só do Governo da Republica como da sociedade brazileira.

E qual é o segredo d'essa situação tão excepcional?

Qual tem sido o talisman de V. Ex.ª? Seja-me permitido dizer-o: é a sua educação fina, é o seu bello talento, e o seu caracter serio, é a sua fidalga cortezia, é o amor que tem á sua patria, é o interesse que revela pela nossa, é a lealdade com que sabe tratar os negocios, é a boa diplomacia que V. Ex.ª faz a unica nobre, a unica digna, a unica effizaz, a diplomacia cujo grande ideal é a justiça, a diplomacia da verda-

de. V. Ex.ª é nosso amigo e do nosso Brasil, nós somos seus amigos e do seu Portugal, cuja fé religiosa, cuja raça nobre e forte, cuja lingua tão formosa são também nossas.

Para exprimir suas fortes ligações com a terra de seus antepassados, dizem os Americanos o Norte: Blood is thicker than water — O sangue é mais denso do que a agua.

E certo. O oceano immenso nos separa, mas o generoso sangue portuguez corre nas vossas e nas nossas veias e muitas vezes e derramados juntos nos meus campos de batalha e pelando pela nossa mesma causa.

De todas essas luctas memoraveis, a mais grandiosa, a mais épica e a mais decisiva para a formação da nossa nacionalidade, foi aquella travada nos tempos mais angustiosos de Portugal.

Quando sobre a vossa patria desabou a maior das desgraças e a sombra sinistra de Filippe II levantou-se dos mysterios do Escorial e projectou-se sobre a estrella das glorias portuguezas e os netos dos herodes de Alburquerque não poderam levantar-se das areias tragicas de Alcazarquivir para repellirem as bandás aguerridas do Duque d'Alba e os filhos dos conquistadores da India, batidos pela desventura, de vavam as bellas possessões do Oriente passar para as mãos da Republica Batava, senão a então do mar, quiz a Providencia, sempre propicia a esta bem-dada terra de Santa Cruz, que n'ella se refugiasse o patriotismo, e reinás e naturas disputaram a primazia «o heroismo na guerra longa e terrivel que ameaçou romper a nossa grande unidade, unidade que é a nossa grandeza.»

E os nomes gloriosos de Mathias de Albuquerque e Fernandes Vieira britham com o mesmo fulgor, entrelaçados com os immortaes Filipe Camarão, Henriques Dias e André Vidal.

Foi graça d'aquele popo de heroismo, que o Brasil e hoje esta patria grata e divina.

Laços tão estreitos e cimentados com o sangue precioso de tantas gerações de heroes são indissolaveis e eternos, mais do que este bronze, porque são os laços de solidariedade e do amor de dois gr ndes povos.

Não falo a linguagem de um convencionalismo ocasional, não é o coração de um Brazileiro quem diz, peço a vossa mão e a verdade que n'ella palpita, e o que a repercussão dos seus batimentos nos corações dos meus compatriotas. Em nome d'elles peço a V. Ex.ª, Sr. conselheiro, se digne accetar esta lembrança singela dos nossos mais puros e profundos sentimentos de affecto, de respeito e de admiração.

Elia servirá de testemunho dos nossos reciprocos sentimentos, que tanto nos honram, e dos votos que fazemos pela felicidade pessoal de V. Ex.ª e pela prosperidade e grandeza de Portugal.

Elia dirá na sua expressão immutavel e perenne que V. Ex.ª tem sido para o Governo da Republica *persona grata* e *persona gratissima* para o povo brasileiro.»

Respondeu-lhe o sr. Camêlo Lampreia:

«Senhores — Não creio que haja no mundo orador que em momentos coo este possa encontrar palavras para exprimir os sentimentos que lhe vão n'alma. Eu, que o não sou, com certeza não poderei dizer tudo quanto desejava.»

As palavras que acaba de proferir o meu illustre e querido amigo General Dionysio Queirêira, calaram profundamente no meu coração e calaram assim tão profundamente porque tambem foram dicitadas mais pelo coração do que pelas conveniencias sociais.

E assim devia ser.

Os merecimentos que S. Ex.ª me attribue não são merecidos. Se algum tive foi unica e exclusivamente o de ter procurado, de todo o coração, com o mais vivo empenho, estreitar, entrelaçar cada vez mais os dois povos irmãos—Portugal e Brasil. Ver esses dois povos o mais unidos que fosse possível, foi sempre o meu empenho, o meu desejo preferido e felizmente acabo de ver por occasião das festas que se fizeram pelo Centenario, que esse meu desejo está realizado, que os dois povos estão entrelaçados intimamente para todo o sempre, que as suas almas batem juntamente e assim espero que hão de continuar.

A todos vós o meu eterno reconhecimento. Vou partir, mas espero voltar. Deus ha de permitir que eu volte ainda a esta terra abençoada onde encontrei tanto carinho e tanta bondade.

Ao illustre General Dionysio Queirêira permitto que eu testemunhe perante vós o meu mais profundo reconhecimento pela bondade extrema

com que me tratou, enquanto foi Ministro das Relações Exteriores. S. Ex.ª illustrou o seu nome e a sua generosidade.

A sua generosidade foi respeitada, apreciada por todos, e a sua obra meritória.

A V. Ex.ª todos nós, um abraço e lembrança, e pem-me não dizer mais nada; não posso mais.

A mensagem era firmada por todos os signatarios, que reproduzimos de um autographo dos quaes vinham quasi imperceptivelmente de se recompor como pudemos:

Dr. Silva Araújo — Presidente da Academia Nacional de Medicina.

Dr. Ernesto de Freitas Crissiuma — Vice-presidente da Academia nacional de Medicina.

Dr. Alfredo Nascimento — Secretario Geral da Academia Nacional de Medicina.

Dr. Theophilus Torres — 1.º Secretario da Academia Nacional de Medicina.

Pharmaceutico Francisco Giffoni — Membro effectivo da Academia Nacional de Medicina.

Dr. Alfredo Porto — Membro effectivo da Academia Nacional de Medicina.

Dr. Werneck Machado — Membro effectivo da Academia Nacional de Medicina.

Dr. Henrique Autran — 2.º Secretario da Academia Nacional de Medicina.

Bellarmino da Gama e Sousa — Juiz do Tribunal Civil e Criminal.

José Candido de Albuquerque Mello — Advogado.

Virgilio de Sá Pereira — Pretor.

Manoel P. de Magalhães — Curador Geral dos Orphãos.

Zelino Antonio Pinto de Miranda — Professor da Escola Polytechnica.

André Gaudilety — Preparador da Escola Polytechnica.

Bacharel José Moreira da Costa Lima.

Gabriel Ozinio de Almeida.

Jorge Benedicto Atom.

S. M. de Oliveira Buller.

Adolpho Archoff.

Paulo Emilio Loureiro de Andrade.

José Freire Paneiro Horta.

Miguel R. Galvão.

Orlivo da Costa Sá.

Barão de Pedro Afonso.

Francisco Xavier G.omes Fílores.

Franklin de Toledo Dodoroth.

Dr. Custodio Martins.

Capitão Arthur de Toledo Dvamarth.

M. B. Castello Branco.

Francisco Pinto da Silva Cotrim.

Fausto Barreto.

Henrique Monal.

Ab. Alexander.

Pela Associação do 4.º Centenario do descobrimento do Brasil — Ramiz Galvão.

Dr. José Moreira Pacheco.

Rodolpho Candido Machado.

Pela Empresa Industrial de Melhoramentos do Brasil — Paulo de Frontin, presidente.

Pela Companhia União de Traphicos de Frontin, presidente.

Pela sociedade Derby Club — Dr. Antonio Paulo de Frontin, presidente.

Francisco de Castro.

Dr. Francisco Fajardo.

Parga Nina.

Antonio Austrogesilio.

Oscar de Sousa.

Dr. Brant Paes Leme.

Dr. Miguel da Silva Pereira.

Manoel Antonio da Silva Reis — Engenheiro e intendente Municipal.

Leonicio d'Albuquerque — Intendente Municipal.

Dr. Paulino Werneck — Medico.

Dr. Araujo Quintella — Medico.

Dr. Raul Barroso — Medico.

Dr. Oscar Godoy — Deputado.

Tenente-Coronel Francisco Alberto Godoy — Deputado Federal.

Manoel Antonio da Silva Reis — Engenheiro e intendente Municipal.

Luiz José da Costa — Engenheiro Civil.

Dr. Giffenon von Niemyer — Professor de Direito.

Teixeira Dantas — Pharmaceutico.
 Genicio de Abreu — Professor da Facul-
 Medicina
 Teixeira Dantas — Pharmaceutico.
 Embargador Manoel José Espinola.
 Embargador J. C. de Miranda Ribeiro.
 Embargador Henrique João Dodsworth.
 Embargador Cassiano Candido Tavares Bas-
 Alves de Azevedo Magalhães.
 Embargador A. de Carvalho Dias Lima.
 do da Veiga Gonzaga.
 do de Jesus Valditan.
 do da Fontoura Santos — Padre.
 do Smith de Vasconcellos — Intendente
 do Ferreira dos Santos — Funcionario
 do Augusto de Vasconcellos — Medico
 do de Mario de Sá Freire — Advogado
 do de Francisco Lisboa — Medico
 do de Baptista da Silva Pereira — Inspector
 do de Rodrigo de Azevedo Pinheiro — Dire-
 do Instituto Profissional.
 do de Alfredo Maggiori de Azevedo Maia — Me-
 do Francisco Aragão — Commissario de Hy-
 do de Toledo Dodsworth — Sub-Di-
 do Instituto Vaccinico.
 do de Severino da Fonseca Hermes — Adv-
 do Canongia — Engenheiro
 do de Saldanha e Gama — Director da
 do Polytechnica
 do de Paula Freitas — Lente Cathedra-
 do Polytechnica.
 do de Morize — Idem.
 do de Castro Barbosa de Oliveira — Idem.
 do de Joaquim Teixeira Bastos — Idem.
 do de Raphael Vieira Souto — Idem.
 do de Agostinho dos Reis — Idem.
 do de Filipe Pereira — Idem.
 do de A. Kingston — Idem.
 do de Alfredo Firmo Martins — Idem.
 do de Gustavo Paulo de Frouin — Idem.
 do de Galdino Pimentel — Idem.
 do de Cassiano Ferreira Braga — Lente substi-
 do Polytechnica.
 do de João Lempereira Corrêa.
 do de João Fulgencio de Sousa Mindello.
 do de Tisserandot — Lente da Escola Po-
 do de R. Ortiz Monteiro — Lente da Escola
 do de Antonio Athanasio Cardoso — Idem.
 do de R. Antunes.
 do de Aldeano de Lossio e Seilbitz — Eng-
 do de Sousa Ferrelra — Secretario interino.
 do de Antonio Povra, — Engenheiro, bibliothe-
 do de Carlos da Silva Telles — Preparador da
 do Polytechnica.
 do de Almeida Nogueira.
 do de Mattos — Sub-bibliothecario.
 do de Drummond Junior — Sub-se-
 do de Teixeira de Sampaio — Agente The-
 do de E. Wandenkolk.
 do de António Tavares — Contra Almirante.
 do de Ferreira Guimarães — Contra-almirante.
 do de Cícero de Magalhães — Capitão de
 do de Mar e Guerra Antonio Francisco
 do de Fragata José Gonçalves Leite.
 do de Leme Estevão Adelino Martins.
 do de Leme João Pereira Leite.
 do de Fragata Commissario Rodrigo Na-
 do de Leme Leopoldo Bandeira de Gou-
 do de Tenente Manoel Ignacio Belfort Vieira.
 do de Tenente Pedro Velloso Rebuly.
 do de Tenente Arnaldo da Luz.
 do de Tenente Alípio Dias Colonna.
 do de Tenente Emmanuel Braga.
 do de Tenente de 1.ª classe Dr. Afonso Henrique.
 do de Tenente Theodoro Henrique de Faria
 do de Wallace da Gama Coihiau.
 do de Tenente Cassiano Soares Filho.
 do de Tenente Joaquim Verissimo do Rego Barros.
 do de Tenente Arcebispo do Rio de Janeiro
 do de Tenente e Ministros do Supremo Tribunal
 do de Tenente Marculano d'Aquino e Castro.

Josquin de Toledo Piza e Almeida.
 André Cavalcanti.
 Barão de
 Bernardino Ferreira.
 João Pedro.
 Sancho de Barros Pimentel.
 Dionysio E. de Castro Cerqueira.
 Bernardino Augusto Soares de Sousa.
 João Augusto Neiva.
 H. Gurget.
 Barão de Alencar.
 Honorio Augusto Ribeiro.
 Des. Jato C. Vilella dos Santos.
 Julio Cesar de Oliveira.
 Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.
 Carlos Jose.
 Luiz da Silva Porto.
 Oscar Varades.
 Honorio Guimarães Moniz.
 A. C. Chaves Faria.
 José J. A. Franca.
 Carlos Borges Monteiro.
 Jorge de Azevedo Segurado — Vice-Presidente
 do Tribunal Civil.
 Thomé Joaquim Torres — Vice-Presidente do
 Tribunal Civil.
 Afonso Lopes de Miranda — Juiz do Tribunal
 Civil e Criminal.
 José Luiz Bulhões Pedreira — Juiz do Tribunal
 Civil e Criminal.
 Julio de Barros Roja Gaboglia — Juiz com exerci-
 cio interino na Camara criminal.
 Pedro Augusto de Moura Carijó — Juiz dos
 feitos da Fazenda Municipal.
 O. Zefirino de Faria — Advogado do Instituto da
 Ordem dos Advogados Brasileiros, da Sociedade
 de Geographia de Lisboa.
 M. Clementino do Monte — Advogado do In-
 stituto da Ordem dos Advogados Brasileiros e re-
 dactor-director do *O Direito*.
 Henrique Borges Monteiro — Advogado do
 Instituto da Ordem dos Advogados, Deputado à
 Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Ja-
 neiro.
 Celso Aepiglio Guimarães — Juiz do Tribunal
 Civil e Criminal.
 Arthur Ferreira de Mello — do Instituto da
 Ordem dos Advogados Brasileiros.
 José Maximiano de Figueiredo — Advogado.
 Dr. Eugenio de Barros F. de Lacerda — Curador
 dos auctentes.
 Zacharias do Rego Monteiro — Juiz do Tribu-
 nal Civil e Criminal.
 Capitão-tenente Eduardo Ernesto Midosi.
 1.º Tenente Tancredo Burlanaqui.
 O. Teixeira.
 2.º Tenente Oscar Alberto Luiz de Azevedo.
 José da Costa Rego Monteiro — Negociante.
 Silvio Tello Adelino.
 João Augusto Amorim Rangel — Capitão-tenente.
 Ricardo G. Barreto — 2.º Tenente.
 Antonio Joaquim de Andrade Leite — 1.º Tenente-machinista.
 1.º Tenente Ignacio Ribeiro.
 Capitão-tenente Francisco José Marques da
 Rocha
 1.º Tenente Conrado Teck.
 Augusto de Sousa Lobo — 1.º Tenente hono-
 rario da armada.
 Capitão de fragata Benjamin de Mello.
 Capitão-tenente Carmo da Gama de Sousa
 Faria.
 1.º Tenente Augusto Heleno Pereira.
 Capitão-tenente Adolpho Joaquim Penna.
 Antão Corrêa da Silva.
 1.º Tenente Luiz Dias Carneiro.
 Joaquim José Ruiz Torres — Capitão de fragata.
 Capitão de mar e guerra Francisco Calheiros
 da Graça.
 Manuel Maria de Castilho — Engenheiro civil.
 José d'Aguiar Toledo Lisboa — Engenheiro
 civil.
 José Valentim Dimham.
 José da Silva Mourão.
 Conrado Jacob de Niemeyer.
 C. de Sumba.
 Sergio da Silva Ascoli.
 Luiz Martins do Amaral.
 J. Pimentel.
 Barão do Resario.
 Camillo de Andrade.
 M. de Oliveira Costa.
 José Augusto Vieira.
 Esgento Gudim.
 Barão de Ithabaly.
 Antonio Azevedo.
 J. C. de Figueiredo.
 Xavier da Silveira Junior.

C. Gaffré.
 Octavio Guimarães.
 Jorge Street.
 João Baptista Lopes.
 A. ds Barros.
 Dr. Celso dos Reis.
 Gaspar d'Araujo Bastos.
 Engenheiro O. Rusly.
 Alberto da F. Guimarães.
 J. Pereira Teixeira.
 João do Rego Barros.
 Arthur Azevedo.
 Eduardo L. Ramos.

— Fará mal adormecer depois da comer ?
 — Não sei, mas, pelo seguro, é melhor comer
 depois de adormecer.

NOCTURNO

Ao dar da meia noite, em teu jazigo,
 en tu tei despertar;
 — quero que venhas, meu amor, comigo
 os tumulos rondar.

Farei surgir os paladins estrénuos
 que por ti se perderam;
 hei-de evocar os corações ingenuos
 que ás tuas mãos morreram.

Junto de nós, aquellos que te amaram,
 enfim, reunirei;
 — quero saber se já te perdoaram
 como eu te perdoei.

Que eu não entendo como tu, culpada
 de peccados enormes,
 serenas, sem remorsos, minha amada!
 há tanto tempo dormes.

(Do *Cancioneiro*.) — Porto, 1900.

MANOEL DE MOURA.

Duas senhoras muito felias conversando :
 — Eu, diz uma d'ellas, já tive cinco filhos e o
 meu marido é coxo.

— Pois eu tenho tido onze e meu marido é
 cego.

Um sujeito que passava:
 — Onze filhos! Bem se vê que o pobre ho-
 mem é cego!

OS ADORNOS NA MULHER

Os anthropologos consideram como herança
 da antiga barbarie a predilecção do sexo femi-
 nino pelos adornos, cuja arte, segundo elles, foi
 uma das primeiras que a humanidade conheceu,
 precedendo mesmo o vestuário. Assim, consone-
 ta a opinião d'estes sabios cultores do paradoxo,
 a mulher, enfeitando-se com a mesma paixão que
 o selvagem e o homem primitivo, representa o
 tipo inferior da espécie.

Muito amáveis os senhores anthropologos!
 Mas não se desconsolam as damas. Ilustres
 pensadores se tem encarregado de as defender
 de taes heresias. Segundo Roussau, o papel da
 mulher é sobretudo agradar ao homem, e Proudhon
 acrescenta que a propria belleza d'ella est-
 claramente indicando a sua missão. Renan pô-
 de portanto dizer com razão que adornando, afe-
 rçoando, idealizando a sua belleza, a mulher
 exerce a mais encantadora de todas as artes.

Encarada a questão debaixo d'este ponto de
 vista, decerto o mais sensato, a predilecção pelos
 adornos, limitada, já se vê, pelo pudor e pelo
 bom senso, longe de lhe ser desfavoravel, assigna-
 la antes na mulher uma perfeição do tipo
 humano. Esta é que é a verdade, amáveis lei-
 tores, e deixar lá falar os anthropologos.

Uma criada lendo em voz alta um romance á
 patroa, que tem 60 annos;

— O religio da cathedral acaba de dar meia
 noite e cinco minutos...

— Isso não pôde ser; um religio não pôde
 dar meia noite e cinco minutos.

— Póde, sim, minha senhora; pôde dar se es-
 tiver adiantado.

D. JOAO DA CAMARA NO BRASIL

Acaba de ter uma consagração valiosíssima no Rio de Janeiro o grande talento d'este illustre escriptor dramático e poeta distinctissimo que é hoje uma das glorias mais puras das letras portuguezas. A proposito das representações da sua peça *Os Velhos* que no Brasil tem tido extraordinario exito, dedicaram ao seu auctor uma verdadeira apparecção elle no palco... em effigie, um bello retrato feito pelo Sr. Renato da Costa. N'um discurso primoroso, o illustre homem de letras brasileiro, o Sr. Coelho Neto, analysou rapidamente mas com traços brilhantes a obra de D. João da Camara e em seguida recitaram tres poetas estes deliciosissimos versos em sua honra:

A D. JOÃO DA CAMARA

Salvé, poeta! Que melhor surpresa
Nos camaradas, generoso e ufano,
Do que mandar-nos, através do oceano,
A fina flor da scena portugueza?

Artista, salvê! Tendos a simplesa
Do caracter antigo lusitano;
Sois, entretanto, essencialmente humano
E um confidante sois da natureza.

Ouvindo os vossos *Velhos*, ha quem ouça
Chilrarão estrophes murmuradas e calmas
A velha musa da *Menina e Moça*.

Os manes de Garrett vos tecem palmas!
Da vossa prosa a musica balouça
Os nossos corações e as nossas almas.

ARTHUR AZEVEDO.

Final do 1.º acto

— Boa noite, sr. Julio. — Emilinha, boa noite! — Elle toma a véla; um negrume feliz, uma doce tristeza os olhos lhe enevava; olha-a ainda — que rosa! — e nada mais lhe diz.

Tinham falado muito, alheamente, á tós, das cantigas aldeás, dos contos do paiz, dos homens da cidade, os homens de Lisboa, dos contos á lareira e de Julio Diniz.

Boa noite! — Elle sóbe a escada... De mansinho abre se a porta ao fundo... E o cura! — E meo sobrinho? pergunta. — Dize lá que resposta é que tem!

E enquanto ella gagueja embaraçada phrases, canta em cima uma voz: — Cachopa não te cases, S. João quer o teu bem; S. João quer o teu bem...

JOÃO LUSO.

Os velhos

Ouvistes? Todo o idyllio a voz do padre-córta... Ah! o senhor padre que me mentia! Com que magoa. Olhos negros, chororas a vida quasi morta. Cheios de amor outra e agora cheios de agua.

Vós no peito a trazeis, de ha muito aqui eu trago-a. Toda essa pastoral que a nossa alma transporta; Onde o rio do Bem toda a causal desagua; Onde tudo é unção e tudo a amad exhorta.

Bemdito sejas tu por toda esta alegria.
Por este bem estar de alma que nos fizeste.
Por esta absolvição e por este descanso.

Bemdito sejas tu que nos dáis, hoje em dia,
Paz santissima, paz brilhante, paz celeste,
Como um sol a boiar no azul de um lago manso...

ORLANDO TEIXEIRA.

A simplicidade d'esta manifestação redobra o seu valor. Tão de longe, não podia receber D. João da Camara melhor brinde para a sua obra.

N'um barbeiro. Um freguez muito gordo, de grandes bochechas, acaba de fazer a barba e pergunta quanto é.

— São seis vintens.
— Seis vintens? Nas outras lojas o mais que levam são tres vintens.
— Bem sei, mas o senhor tem duas barbas

GREGOS CELEBRES NO BRASIL

Licurgo de Mello. Inspector geral de terras e colonisação.

Socrates (Eduardo) Engenheiro Militar.

Bias Fortes. Governador do Estado de Minas.

Demosthenes Lobo. Director dos Correios.

Diogenes Buys de Lima e Silva. 2.º Tenente da Armada.

Solon (Frederico) — de Sampaio Ribeiro) General.

Aristides Lobo. Ministro do Interior, no governo provisório, e senador.

Democrito Ferreira da Silva, Engenheiro Militar.

Heraclito Graça. Advogado.

Pithagoras (Arthur). Conductor da Estrada de Ferro Central.

VEREJUNDO DE CARVALHO (Rio de Janeiro).

N'uma visita a um parque de poucos annos. — O que eu admiro mais é a altura das arvores. Como ellas teem crescido? — E' verdade, mas tambem bem vê que ellas não teem mais nada que fazer.

A LENDA DO REI WALDEMAR

«O castello, o lago e a floresta de Gurte pertenciam a Waldemar Atterdag. O bom do rei levava vida regalada n'essa habitação de seu gosto. Ornavam-lhe a córte as mais distinctas damas da Dinamarca; estavam a sua lado, ao menor signal, os mais valentes guerreiros. Achava-se rodeado de bellas e de heróes.

Tinha por mensageiros pagens, todos vestidos de veludo. Seus vinhos eram excellentes, seus festins sumptuosos. Dedicava todas as noites ao baile, ao jogo e ao amor; os dias reservava-os para a caça. A caça era a sua paixão; e se, impaciente por correr o gamo ou o javali, qualquer abbade ou monge o detinha um instante afim de lhe censurar o mau exemplo, Waldemar Atterdag despedia-o ás chicotadas para se dispensar do sermão.

Um dia que, ao toque da trompa, voltando d'essa phantasia feudal, olhou desvanecido para as torres do seu castello, depois para os seus genitihomens, amantes, picadores e matilhas, e exclamou: — Como sou feliz! Conserve-me Deus este castello de Gurte, e, por Santo Olaf, meus companheiros, pôde depois guardar o seu Paraizo! Renuncio-o de boa vontade!

Disse isto Waldemar Atterdag, e esqueceu-o; mas o anjo da justiça registou a blasphemia.

O rei continuou a viver em festa; como acontece, porém, a todos os homens, sejam elles principes, imperadores ou papas, morreu...

Foi então que desejou o Paraizo de que S. Pedro lhe negára as portas.

O anjo terrivel da vingança destrou-o do céu para a terra. E ainda se podesse dormir sob a fria lage do sepulchro! Mas não; invisível apóste e esparta, e quer chova, troveja ou neve, espantado por sua vez o mesmo chicote com que elle affrontava os padres.

Galopa de um infernal galope, sem repouso nem tréguas, em perseguição de uma presa impossivel, á roda do seu castello em ruinas, sobre as margens do lago de Gurte e nos bosques de Grib.

O supplicio do pobre Waldemar Atterdag durará até ao juizo final. E nas noites de verão, tão admiravelmente bellas de baixo dos céos do norte, que se ouvem os latidos, os relinchos, as trombetas da grande caçada do rei Waldemar. Ha ainda camponezes velhos que, na noite de S. João, não faltam a deixar abertas as portas das cavalleiras e armazens, para que o rei e sua comitiva ali possam achar abrigio.

Em Borstingerode, aldeia situada a meio caminho entre Gurte e Lystrup, não se esquece o palafreiro da estalagem, antes de se recolher, de abrir a essa noite, de par em par, as portas da cavalleira e d'enchêr bem as manjedouras de avêa e feno. No outro dia tudo tem desaparecido; mas está garantida a fortuna da estalagem e do seu proprietario, enquanto elle não deixar de testemunhar interesse e homenagem ao real caçador, por esta piedosa offrenda»

(Da *Viagem á Dinamarca*.)

DARGAND.

OS CINCO SENTIDOS

Ver

São bellas — bem o sei, essas estrelas;
Mil côres — divinas teem essas flores;
Mas eu não sinto, amor, olhos para ellas:
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti... a ti!

Ouvir

Divina — ai, sim será a voz que afina
Saudosa — na ramagem densa, umbrrosa;
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não ouço a melodia;
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti... a ti!

Cheirar

Respira — n'aura que entre as flores gyra
Celeste — incenso de perfume agreste.
Sei, não sinto. Minha alma não aspira
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti... de ti!

Gostar

Formosos — são os pomes saborosos,
E' um mimo — de nectar o racimo;
E eu tenho fome e sede... sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão... mas é de beijos,
E' só de ti... de ti!

Apalpar

Macia — deve a relva luzidia
Do leito — ser por certo em que me deito:
Mas quem ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras caricias.
Toçar n'outras delicias
Senão a ti... a ti!

AGOSTO.....

ALMEIDA GARRETT.

PARA OS NAMORADOS

Não é raro terem os namorados difficuldade em se corresponderem. Muitas vezes o receio de que a carta chegue a outras mãos, a inconveniencia de que algum a possa lêr, mesmo o segredo de dois corações, impedem a communicação por escripto de ideias e pensamentos. A esses vamos ensinar o modo engenhoso de dizerem tudo quanto sentirem, sem correrem o risco de se descobrir o seu pensamento. E' uma carta epistolar á qual se pôde dar as vozes que se quiser, conforme previamente se combinar.

Leiam esta carta mysteriosa, dirigida em tempos longínquos por um enamorado á sua bella:

Menina:

Apresso me a escrever-lhe declarando que se engana muito em ter acreditado que é aquella por quem tenho suspirado; verdade seja que para lh'o provar bem fiz-lhe mil declarações; depois d'isto foi para mihi a motivo de zombaria. Assim não duvide, do que lhe tem dito aquelle que não t'eu em sentido aversão por si, e que quer t'eria antes morrer mil vezes que ver-se a a dura obrigação de a desposar, e mudar o proposito firme que tem formado de vos aborrecer toda a vida; bem longe de vos amar como tem asseverado. Fligê pois dese aganada (creia-me) e se está ainda corstante e persuadida de que é a nada ficará ainda mais exposta á zombaria de todo o mundo e mais particularmente do que nunca pensou ser nem será jamais

vosso ama.

Nada de mais claro, não é verdade? Uma despedida em fórma.
Agora façam favor de a ler uma linha sim ou não. Que tall hein? Pôde ser-se mais apaixonado?



Vitreae. — VERSOS — evocações da Eidade-Medieval — Poemas por Dias de Oliveira; — Lisboa, José Bastos, editor — 1900.

O livro de Dias de Oliveira, cujo título sugere-nos a alguma iluminação de Frá Angelico, procura dar-nos, pela evocação, trechos medievos, resuscitando, d'esse período histórico, curvas de sonho que é e gostoso traduzir n'uma delicada ballada para almas enternecidas.

E, d'este modo, o poeta viu passar ante os olhos extasiados figuras estremunhadas a que se agrega algum facto epico ou romantico, pensando que toda a fariandola iriada, que evocou, lhe suggeria uma visão perturbadora, e onde se guindasse n'um coto de azas. Confrontou as duas epochas para se recordar, com tristeza lyrica, d'esses arrebos flebis da imaginação quieta de um passado encantador, porventura ainda mais colorido e terno pela perspectiva da lenda e do tempo.

E considero como eram lindos e intensos os sonhos de um cyclo mystico, de grande quietude mental, agora mais do que nunca enquadro por serem cotas dadas com a vida contemporanea que não tem aquella fortaleza d'alma para combinar idylls tão singelos na sua cor, tão puros na sua origem e, ao mesmo tempo, tão fortes, perduráveis, porque os fortalecia a fé, que hoje falta, e o amor que não se fructifica no espirito moderno avassalado por crises de toda a especie.

Portanto, d'esse confronto provinhão, necessariamente, enternecimentos commovidos, trazendo para nós, essa era doirada de illuções máximas. Porque a vida de hoje é tragica, mas toda essa tragedia se passa nas pregas do cerebro; ao passo que outr'ora, não a epopeia era sempre objectivada ou pela causa santa, tornando uma cruzada religiosa, ou pelejando pelo rincão patrio que a guerra da conquista pejava de invasores. E, fóra d'estes circulos, o coração foljava livremente sem pedir vagas e complexas theses ao cerebro infante d'esses tempos.

Eis no que iamos discurrer, quando iniciamos a leitura dos *Vitreae*.

Não é, porém, esta a impressão nitida que o livro de Dias de Oliveira nos communica. Evocamos, é certo, o período histórico, mas todo o mobiliario de sentimentos e de paixão é de creaturas do nosso tempo e da nossa intimidade, porque o poeta vive n'ellas, sentindo-as, por isso mesmo, suas familiares.

É um amoroso do seculo XIX que falla com os seus attributos e defeitos, tarado de phrenesis e com as côres complementares do tempo em que vive.

E' mais uma saudade do que uma evocação. Uma saudade que instilla tristezas e põe a alma, que, vendo-se fechada n'um seculo burguez e passado, n'um seculo abarboado de interesses de toda a sorte, não pôde relegar-se a penumbra de um sonho para o qual sinta tendencias singulares.

Dias de Oliveira faz sentir a distancia, mas o espaço não é preenchido de um ponto do outro. A forma, como diz as suas preoccupações, não é ainda extremada, nem tem a correcção que seria para desejar. Mas este livro é como que um ensaio; e temo o direito de esperar que, em vindouros trabalhos, a melhanica do verso correspondendo ao sentimento e seja d'elle a crystallisacão.

Como Dias de Oliveira é, alem de impulsivo, um amoroso, a sentimentalidade escorre lhe facilmente sem attentar no modo como a clarifica. É assim as bellezas da sua alma, que é cheia de mysticismo e de poesia, pôde enunciar o sentimento, mas não dizem d'elle toda a substancia, porque a expressão ou cor, que lhe deu, não attinha n'uma grande área de verdade e de synthese affectiva.

Toda a obra da arte tem um fundo de pessoalismo. O artista pôde tentar esquivar-se a essa tendencia fatal, mas não logra o intento, se for um verdadeiro calibrado. E' isto que nos faz, com

preherder o que disse Buffon: — o estylo é o homem!

Mas não é somente o estylo, é, tambem, o caracter psychologico do artista que escuta a sua arte soffrendo-a e padecendo-a verdadeiramente.

Este facto, observa-se em todas as obras d'arte, seja qual fór a sua epocha.

Parece inferir-se, porisso, que todo e qualquer processo artistico ha de expiar, quanto mais requintado e espirituoso fór, a grandissima somma de estímulos, de luctas e de sentimentos que se travaram na alma do artista antes de ser materializada de modo que os outros — os indifferentes, os que não sentem, se deixem atrair, aperebendo-se, por alguma forma, da linda concepção que lhes foi suggerida. Ora, esses indifferentes não se commovem, nem se interessam se não quanto a obra de arte fór sobria, — que é o mesmo que dizer simples.

Entretanto, um livro como os *Vitreae* requer, como primeira qualidade o sentimento. E, pondo-se de parte qualquer outro senão, temos que já não é pouco que um adventicio logre dizer alguma coisa da sua affectividade, muito embora ella não tenha ainda, como expressão, um traço proprio e original.

Eis o que nos parece o livro de veros Dias de Oliveira. Os *Vitreae* definem um amoroso e um sentimental; é possível que em novos ensaios, o poeta nos indique muitos predicados ineditos.

A Descoberta do Brasil, por Faustino da Fonseca. — Empresa D'O Seculo — 1900.

Para a comemoração do quarto centenario do descobrimento do Brasil, surgiram bastantes trabalhos de investigação historica tendentes não só a brillantizar o facto, mas tambem, a tirar d'elle conclusões muito apreciáveis, algumas das quaes arrojadas e peregrinas.

Está n'este ultimo caso o livro de Faustino da Fonseca, de que nos occupámos.

Não cabe, porém, na estreiteza d'esta secção uma analyse circumstanciada d'*Descoberta do Brasil*, porque ella carece de um estudo mais demorado que nos é impossivel resumir em meia duzia de linhas.

Entretanto, é forcoso confessar, com applauso, que o livro de Faustino da Fonseca é o producto de muita investigação historica e que, alem da responsabilidade assumida com elle, se vê transparecer claramente o esforço e a perseverança do auctor para tirar de um campo tão arido resultados proficuos.

O que vale este livro, attesta-o, sem duvida, a inserção de documentos, indestructiveis provas das affirmações ousadas que o auctor expende. Esses documentos, que foram arrancados ao pó das bibliothecas, são de grande importancia e a concatenacão d'elles, ajustada ao assumpto, tornam o livro apreciavel. Todo elle é tratado com elevação e cuidado.

Faustino da Fonseca parece ter realmente encontrado a sua especialidade. Entre varias opções, lhe conheo, emo, algumas das quaes tem sido mais ou menos expressas n'outros trabalhos, a de monographista, espantoso-nos.

Na *Descoberta do Brasil* mostra ter predicados de historiador. E, como se vê do caso de Faustino da Fonseca ser incansavel trabalhador, as suas qualidades podem consolidar-se a vontade n'estas rebuscações historicas.

E, confiamos, portanto, que este seu trabalho lhe traga alento e estímulos para que se dedique de corpo e alma a produções congeneres. Ellas deverão ser acceitas lisonjeras, attentas as bellas esperanças que *A Descoberta do Brasil* nos suggerer.

As duas Americas, por Candido da Costa, com illustrações de Antonio Ramalho — José Bastos, editor — 1900.

O livro de Candido da Costa, *As duas Americas*, cuja nova edição foi muito ampliada e melhorada, é, tambem, destinado a commemorar o quarto centenario do descobrimento do Brasil.

O valor d'esta obra é já sufficientemente conhecido. Porisso dispensamos-nos de qualquer commento ou apreciação que, n'esta oportunidade, entendessemos deve fazer. Cabe-nos, apenas, registar o apparecimento d'esta edição que apresenta muitas alterações e que, alem de melhorada em muitos casos, vem pejada de docu-

mentos de alto valor que são devidos, sem duvida, ao encarregado da revisão, o sr. Gualdino Gomes.

Com effeito, o sr. Gualdino Gomes conseguiu intercalar no texto varias e interessantes gravuras, algumas das quaes muito raras para maior e mais completa elucidacão. Por seu turno, Antonio Ramalho collaborando na parte artistica, contribuiu para tornar o livro brillante.

Folgamos com ver alliados ao profundo trabalho de Candido da Costa, os esforços de um nosso artista e a não menos esforcada competencia de quem se occupou da edição porque a tornou, como se ha de ver, extraordinariamente superior ás primeiras e lhe deu e poz indicações que as antigas não tinham.

Reflexos, poesias por Ramos Coelho — Typographia Castro Irmão — Lisboa, 1898.

Os *Reflexos* pertencem á galeria dos poetas romanticos, entre os quaes, porém, se não exalta Ramos Coelho. Este livro tem, é claro, valores apreciáveis, mas esses mesmos valores isolados não constituem materia para classificarmos o poeta como um independente ou um isolado.

Qualquer das suas poesias nos faz lembrar outras. Tanto na forma como no sentimento, não ha aquella originalidade que encanta. E, commutadamente, ha poetas que são de todos os tempos e que não envelhecem apesar dos seculos galgarem por cima das suas obras.

A poesia está ou parece estar hoje em crise. Como arte essencialmente abstracta aos phenomenos da alma, ella parece destinada a só commover e interessar, quando trate de episodios muito accreditados no coração da especie e quando esses episodios sejam de tal maneira vividos e especificos que requirem, porisso mesmo, uma forma musical, terna, maguada e linguada.

O amor tem sido e será sempre o symbolo que mais affecta o poeta. E, como de ha-de elle dizer a sua affectão ou a sua dôr, de maneira a fazer que elle cale nos outros, se não puzer n'esse envelope o maior cuidado, a mais doce simplicidade e justiça?

Não basta sentir e preciso fazer sentir; é mister que esse sentimento grupe um grande numero de almas, de modo que ellas sejam tocadas igualmente pela mesma causa e venham, por consequente, a soffrer effectos identicos.

Da poesia a parte, que dever ser eterna, é o lyrysmo, mas ainda assim esta qualidade deve participar da vida, isto é, deve ser tão natural e tão simples como ella. De contrario o lyrico confundir-se ha com os outros incidentes da existencia, sem conseguir a expressão do sentimento que tenha elaborado pela dor ou pela indignação.

Mas são raros os poetas que perturbem e pouquisimos aquelles, cuja indignação, expresse o sentir de uma collectividade.

E' que o poeta affastou-se do povo e não sente com elle, nem com elle.

Anthero do Quental disse que o lyrysmo havia de ficar apenas como um desabafo intimo mais ou menos proximo ao caso psychico de cada amoroso. Que a poesia tinha de proclamar ideias e de scientificamente caminhar ao lado das grandes aspirações humanas.

Mas a causa affectiva é uma eterna aspiração do homem. Emquanto houver o incongniscao da vida, a alma tende a sonhar, a ver-se, por este meio, ascende e resolve o que não tem e caminha para aquillo a que aspira.

E o que está acima de nós é um mysterio que tem a particular atracção de todos aquelles que soffrem, amam ou sonham.

A imaginação é o nosso inbissubmo; cavalganda a alma tem a noção de que topeta com mundos desconhecidos, onde é gostosa a vida para os que se dão mal com o mundo. E' um relogio nec-sano, é aquelle poeta que o proprio Augusto Comte, abriu ao optimismo depois de accentuar que a vida é a vida em todas as suas manifestações reaes e positivas.

Ora em nenhuma d'estas preoccupações mentaes está o livro de Ramos Coelho. Os *Reflexos* são unicamente um repositório de versos ingenuos tanto na metrificacão como no mimo lyrico. Pouco nos dizem e, não satisfazendo elles ás exigencias modernas, que em boa critica devem ser respeitadas, não ha logar para um elogio definitivo, porisso que ha muitos espiritos a quem sinceramente temos de render homenagens. E, se nos rendermos a todos indistinctamente, não ha estímulo para ninguém e acabar-se-ha a alta missa da critica que tem por officio dizer verdades, grandes verdades.

TAUROMACHIA

iniciando n'este numero a publicação d'uma edição tauromachica tamos em mira única e simultaneamente noticiar a factos mais notaveis que derem durante a época nas duas praças de Alcobça, mas antes cumpre-nos explicar um facto.

Sabe-se que a praça do Campo Pequeno é precedida por 99 annos d'uma companhia com o nome de «Sociedade Tauromachica Portuguesa», e que, regendo-se por regulamentos aucto-riados superiormente, aluga o vasto e o seu mptuo edificio do Campo a e aprezarios que o ex-ram pelo tempo que previamente se combina e mediante certas condições, u nas das quaes é a darem 21 corridas em cada anno.

A praça de Alçes pertence a um particular e a aluga tambem annualmente.

A frente da exploração do primeiro *redondel*, e é o primeiro do paiz, está um considerado valheiro que residiu por largos annos no Bracão que sendo simplesmente commanditario segou a direcção e gerencia dos assumptos tecnicos propriamente ditos do Sr. D. Antonio, mas os comprehende muito bem e que se auxiliao por um artista distincto e por outros *aficionados* que se dedicam aos trabalhos de expediente da Empresa.

A praça de Alçes compõe-se de cavalheiros o menos respeitaveis e entendidos na materia, e tambem tem a seu lado um profissional de ritmo; mas de entre todos, o unico que figura oficialmente é o Sr. João Cypriano Botalha.

Não ha indifferença entre as duas empresas as d'elles relações e tanto que os espectáculos das duas praças em certos dias são simultaneos, m prejuizo de ambas as partes que sacrificam lucros que poderiam ter. Mas não podem deixar de fazer tal porque, tendo a Empresa do Campo Pequeno de dar 21 corridas e não estando aliadas está esta data senão q, tem de apor-atar todos os Domingos e dias Santos, para pôr a ser, aliaz correrá o tempo e chegado o termo não pode cumprir o contracto.

A praça de Alçes não pôde ter tambem fechada as suas portas por tempo indefinido, e por é forçoso a ambas degladiarem-se mutuamente tratando cada uma de apresentar os me-eres attractivos para conseguir a maior conc-encia.

Trémos opportuna esta explicação que elucidamos leitores do motivo porque no mesmo trabalho em Lisboa artistas de nome em ças diferentes; e, posto isto, vamos dar um amo da 7.^a corrida da epocha, levada a effeito no Campo, na tarde de 22 de Junho.

De touros vieram de Almeirim e ostentavam anca o ferro de Manoel Laranjo, denunciand-urante a lide a nobreza tanta propria da ta.

1.^o Bento farpeou o 1.^o e com pouca fortuna, e 7.^o estava um pouco malher. Ao seu colle Manoel Casimiro sahio o 5.^o e hehe proporcio palmas, e o 10.^o e algo mais ordinario mas e foi muito bem toureado.

O espada Antonio Fuentes brincou com os nupetos dando-lhes um toureiro alegre e lu-0, mas não com exageros ridiculos, o que touro o publico a um constante *palmeto*.

Trão com o capote e finissimo com a moleta u nos pases de grande merito.

A bandarilha esteve colossal de conhecimen-0, vista a elegancia, e na sorte de matar chega ladir o espectador porque *traza-se* com verdade e só parece depois que *vee* va tambem fe-a de morte.

Trouxe como bandarilheiros o *diestro* que du-te a guerra hispano-americana por patriotis-0, trocou o seu apodo *Americano* pelo de *Estadito*, e mais fez peões de merecimento.

nosso compete o primeiro lugar a Saldan-a, depois a Jorge Cadete e por ultimo a Theo-0 Gonçalves, não pela forma de bandarilha e foi vulgar, mas pelo muito que *breu*-ou, eegas houve-as de cara e de cornelha, feitas a arte e com a valentia usual, não havendo graças a lamentar.

o Pará no dia seguinte, teve de se haver com um bicho de grande tamanho que, alem de ter um deleito na vista, era incerto nas arrancadas e em extremo difficil.

No entanto escou a *garupa* dois ferros em re-curo.

Adilino Raposo foi o que melhor touro teve e, aproveitando-o a seu modo, quebrou 6 farpas largas e deixou uma curta.

A Eduardo Lopes de Macedo, competiu uma rez que não arrancava e não obedecia aos dites, de forma que toureou a secco.

Manoel Casimiro teve equal sorte e com quanto se empenhasse a mostrar o cavallo no proprio terreno a seu touro, este não se lhe arrancou vez nenhuma.

Com as bandarilhas salientaram-se Theodoro e Cadete no 2.^o e o Pescaderito no 4.^o; havendo tambem uns pares de Saldanha e um ou outro de Carlos Gonçalves.

O espada *Cucoelo* evidenciou-se um artista de futuro porque revelou habilidade e extraordinario afan de agradar.

A genle da forquilha pegou de cornelha, de cara e de costas, levando em troca as respecti-vas pancadas do costume.

Em 9, o Campo Pequeno encheu-se de tres que conduziram os *aficionados* e os indifferentes a tauromachia, mas que, comtudo, não perdem as festas artisticas do cavalleiro Manoel Casimiro.

Por isso vastissimo edificio se encheu á cunha o que produziu um effeito lindissimo, com-tendo para que a animação fosse maior o bom trabalho dos toureiros que tiveram de en-tender-se com dez corruptetos de Estevão de Oliveira, que tem as suas manadas perto de Alco-cete, e n Pancas, e dous de Emilio Infante, nasci-dos e creados em Santarem.

Os primeiros tinham menos de quatro annos cada um, de fir na que, co n a alegria que lhes dá a mocidade foram brincando e levando nos nos capotes e na moleta co n boa vontade.

Um de Emilio affirmou dotes de touro bravo com mau genio, mas o outro não, porque, talvez pela travessia do sangue, só se acercoo do cavalleiro depois de muitos cites e desafios.

Os heroes da testa foram os dous Cas miros; por-que Manoel fez-se acompanhar por seu filho José) andando ambos muito bem, o primeiro como artista e o segundo como amador. Manoel sahio a farpear dós touros e a p' ferros curtos em outro, e José collocou o *crãgem* das duas classes em outros do a bicornes.

Durante a tarde não cessou a bulha das pal-mas tanto para o Casimiro menor como para o maior, que teve uma larga colheita de brindes de grande valor representados por objectos de ouro, prata e até papeis de credito.

Vimos tambem uma grande canastra de laran-jas offerecida por um conhecido *aficionado* e conduzida por dois cidadãos da Galliza, que atravessaram o *redondel* trotando a passo certo ao som da musica. Fizeram os dois gallicios um extraordinario successo.

Trastearam de moleta e passaram de capa com grandes desejos os dois matadores *Corcito* e *Chucoelo*, que tambem pozeram bons pares de bandarilhas de pulmo.

As outras mais compridas foram postas exclu-sivamente por Theodoro, Cadete, Saldanha, Carlos Gonçalves e Luiz Homem.

Os forçados fizeram a sua obrigação como ar-tistas de largos recursos, e sem amor ás costellas.

E. D'A.

Um sujeito a um rapazola, que anda atraz de uma de suas filhas:

— Para ser franco, devo dizer-lhe que a minha filha má's nova tem 30 contos de dote, a outro é e mais velha 90...

O rapaz interrompendo-o:

— E V. Ex.^a não tem outra ainda mais velha?

Um marido lendo a certidão de baptismo de sua mulher:

— Trinta annos! Está errada. Tu no anno passado, quando estavamos para casar, dizias que tinhas 24.

— Sim, meu queridinho! Que queres? O tempo tem-se passado tão depressa!...

Brinde aos srs. assignantes do BRASIL-PORTUGAL

A comezar no n.º 37, ser-lhes-ha distribuida uma illustração a cores, em folha separada de forma a poder ser emmoldurada e constituir depois uma colleção valiosa de tipos, costumes e paizagens portuguezas.

Assim a Empresa do "Brasil-Portugal" corresponde reconhecida ao exito que a sua Revista tem tido em todo o Brasil e n'este paiz. **A Empresa.**

O CARTAZ DA QUINZENA



D. Maria. — Regressou do Porto a companhia do theatro normal, que entrou em férias. Conforme manda o decreto da sua organização, elegeram-se em assembleia geral dos associados os corpos gerentes, sendo reconduzidos os mesmos artistas que dirigiram o theatro na época que findou: os actores Carlos Posser, Augusto de Mello e Ferreira da Silva.

A actriz Lucinda do Carmo foi, por portaria, dispensada de fazer parte da empresa societaria a que pertencia como actriz de 1ª classe.

D. Amelia. — Lá vai adormecendo de quando em quando a *Princesa Encantada*. Para a época de inverno, que será preenchida principalmente pela companhia Rosas & Brazão, apontam-se já duas peças novas, uma de D. João da Camara e outra do poeta Julio D-ntas. Esta será, ao contrario dos outros dramas do mesmo actor, em prosa e a sua acção passar-se-ha na actualidade.

Rua dos Condes. — O *Dente do maçoerico*, um dente que por si só vale bem toda uma dentadura... boa. Durará, pelo menos, até outubro, com vingens de ida e volta pelas provincias durante o mez de setembro.

Coliseu dos Brevetios. — Acaba de dar uma novidade lyrica a opera em 3 actos e 5 quadros de Weber, *Frechut*, que foi distribuida assim:

<i>Agath</i>	Dolores d'Arroyo
<i>Annetta</i>	Giannina Lucasevk.
<i>May</i>	Brotat.
<i>Gazpar</i>	Walter.
<i>Rune</i>	Candella.
<i>ostokaro</i>	Albiach.
<i>Kilian</i>	Soldá.
<i>Samuel</i>	Miguel.

Os ensaios d'esta opera duraram 44 dias!

Praça do Campo Pequeno. — Touroada todos os domingos, com artistas hespanhoes, e entre elles Manuel Corso (Corsito) e Manuel Jimenez (Chicuelo), Cavalleiros portuguezes como Manuel Casimiro d'Almeida e Fernando R. Pereira. Touros das melhores lavras, que se tem farto de dar pancada... e de levar.

Novidade da ultima hora — uma *troupe* arabe marroquina *Has-Brajen*, composta de Has-Brajen, chefe, Mahomed-Benel-Arbi-Nensande, guerreiros das Kabillas de Trajano (Riff) executaram uma das suas festas intitulada *Correr a polvora*.

E a caso é que o publico é que correu ansioso para o Campo Pequeno.

- Deitaste a minha carta no correio?
- Deitei, minha senhora; e como pesava muito, puz-lhe duas estampilhas.
- Fizeste muito b.m., mas não tapaste o nome do sobrescripto?
- Não, minha senhora; n'isso pensei eu logo, e tanto que, como não havia mais espaço em branco, peguei a estampilha uma em cima da outra.



ANTONIO DO COUTO

ALFAIATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa e Provincias do Continente

Sempre as ultimas novidades

RUA DO ALECRIM 111. 1.

LISBOA

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ
Maria N. M. Salgado
 EM LISBOA
Casa dos Oito Globos
 RUA AUGUSTA, 286





PROVAE OS DELICIOSOS
VINHOS DO PORTO

DE
Constantino d'Almeida

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.ª ordem á
RUA DO CARMO, 35, 1.º
(CHIADO)

"O PANHOLA,"

J. A. CRUZ & IRMÃO

Especialidade em generos alimenticios.

RUA ITAMARACÁ

Manãos

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço
Caldelras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA
MONARCH

Pannos, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade — Cartas,
Tentos e Fixas para todos os jogos

Vizra de José Alexandre de Souza

28 — Rua Nova de Almeida — 28

CASA FUNDADA EM 1856.

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

LA UNION Y EL PENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 rs.

15.000.000.000 REIS

De sinistros pagos desde 1864 até 1903

PREMIOS E RESERVAS 8.993.000.000

Seguros contra incendio, explícito de gas

em geral

Equateur Atlantique & Union Maritime

Companhias Franconas contra os riscos marítimos

em ruzcos de transporte de qualquer natureza.

DIRECCOES — Lima Mayor & Filhos

LISBOA — Rua da Prata, 29, 2.º

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo
alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros
convida todos os viajantes a instalar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MABEIRO

GRANDE ARMAZEM

DE

MOVEIS

Na antiga casa Botelho & C.º Successores encontra-se sempre um variado sortido de mobilias em todas as madeiras e grande quantidade de moveis avulsos. A maxima seguida pelo seu proprietario é, venhar barato para vender muito e por isso o comprador pôde sortir-se sem receio de ser explorado.

97, Rua D. Pedro, 101

PORTO

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geraes e do E.º Estado, terrenos, acções de Bancos e Companhias, Cambises, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas como ctaes, particulares e em sua agencia

á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 346

VIUVA WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. da Alfandega, 83

RIO DE JANEIRO


Cezar A. Paiva
CIRURGIÃO DENTISTA
DE
SUAS Magestades e Altezas
CONSULTORIO
Rua do Arsenal, 100, 1.
LI-BOA

Companhia PHENIX PERNAMBUCANA

(Seguros marítimos e terrestres)

ESTABELECIDA EM 1870

DIRECTORIA

Luiz Duprat, José Joaquim Dias Fernandes, Dr. Manuel Gomes de Mattos

Sede: RECIFE Rua do Commercio 46—PERNAMBUCO

Ferragens

F. N. Santos & C.

Caixa postal n.º 31

Deposito de todos os utensilios para artes e officios.

Sortimento completo de armas de fogo dos mais famulos fabricantes. Fogões portuguezes, francezes e americanos.

Apetrechos para embarcações. Machinas de costura SINGEL.

Especialidade em Costuraria.

Praça 15 Novembro, 3

MANAOS

Ao Bazar da Indústria

TAVEIRA BARBOZA & C.

R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escritorio, papeleria, livros em branco, chapas, lacrimetas, cordas para violão, Bateria, Caixa de musica. Roupas feitas, perfumarias, licores. Cestas de viagem, bilancetes, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE MIUDRES

O systema de vender tudo com pouco lucro é applicavel ao Bazar da Indústria.

Vendas por atacado e a retalho



Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

DIRECTORIA

João Gualberto da Costa e Cunha

PRESIDENTE

M. S. Cruz Junior, secretario

Dr. Firmo Braga, medico

Dez.º Ernesto A. V. Chaves, advogado
consultor

João Ventura Ferreira, thesoureiro interino

Joaquim Antonio de Amorim, gerente

João Simão da Costa, secretario

PARÁ, BRASIL

ESTADO FINANCEIRO EM 1.º DE JANEIRO DE 1899

Seguros propostos	Rs. 45.812.000\$000
Seguros em vigor	» 37.402.000\$000
Renda	» 3.079.985\$718
Reservas de resseguro	» 1.275.176\$349
Sinistros pagos	» 319.539\$870
Sobras	» 245.511\$969
Aplices emitidas	» 2\$149

Esta poderosa Sociedade em seu primeiro periodo social, recebeu maior numero de propostas, effectuou maior somma de negocios, emittiu maior quantidade de aplices, realisou maior receita, separou maior reserva, levou a conta de seus segurados maior verba de sobras, ao passo que, relativamente, dispendeu menos com a sua administração, e teve menos sinistros do que qualquer companhia congénera do mundo, no mesmo espaço de tempo, em relação aos negocios realizados.

A GARANTIA DA AMAZONIA é hoje a primeira companhia de seguros de vida da America do Sul

A Formosa Paraense



Estabelecimento de modas e miudezas, com

Importação

directa dos mercados europeus.

Fundado em 1864

Corrêa Miranda & C.^a

R. Conselheiro João Alfredo, 67

PARÁ

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.^a

Successores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.^a

Fundada em 1830, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANÁOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrai o Vinho Ventura, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescências, nas digestões difíceis, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

SANTOS & MAGALHÃES

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Trabalhos typographicos em todos os generos

OFFICINA A VAPOR

10—RUA DA PRATA—12

LISBOA

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de vestidos e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa

CERCLE COMMERCIAL

Santos & Côrtes

Caixa postal n.º 159

O primeiro hotel de Manãos. Quartos luxuosos e com todas as condições hygienicas. SÓ SE ALUGAM a cavalheiros, ou a familias.

RESTAURANT

Única casa no genero. Vinhos de todas as procedencias do mundo. Refeições a qualquer hora, dia e noite.

Serviço de banquetes

Covinha aprimorada.

O estabelecimento possui barbearia, casas de banhos e bilhares.

RUA DA INSTALAÇÃO, 3

MANÁOS

Livraria moderna PEREIRA & SILVA

PARA — R. Cons.º João Alfredo, 33

Lectura amena

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.

PERTENCES DE ESCRITORIO

Preços sem competencia

Endereço telegraphico Moderna.

ALVES DINIZ & IRMÃO

R. DE S. JULIÃO, 92 a 103

Negociantes de generos coloniaes

Consumo e reexportação

Tambem recebem consignações de conta alheia.



CASA DE COMMISSÕES

JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO & C.^a

Importadores e Exportadores

DE GENEROS DE ESTIVA

Endereço telegraphico — Capital

Rua do Amorim, 33 a 35 — PERNAMBUCO



Torre Malakoff

LA ROQUE & C.^a

RUA DO CONS.^o JOÃO ALFREDO, 86

PARÁ

Especialidade em artigos para

viagem, moveis e miudezas

Banco de Belem do Pará

RUA 15 DE NOVENBRO

DIRECTORIA

José Marques Braga — José Taveira Lobato — Joaquim Samuel Gomes de Freitas —

José Augusto Corrêa — José Leite Chermont

CAPITAL 3.000:000\$000 RÉIS

Este Banco sacca e emitta cartas de credito sobre todas as cidades e villas de Portugal, Hespanha e Italia, sobre Paris, Londres e New-York, e bem assim sobre o Rio de Janeiro, Ceará e Maranhão.

AMAZONENSE

DIRECTORIA

Presidente — Coronel Antonio de Miranda Araujo

Secretario — Alfredo Bastos

Gerente — Alberto Moreira Junior

Medico-Chefe — Dr. Menezes Quadros

Banqueiro — Banco do Amazonas

Companhia de Seguros

SOBRE A VIDA

Sede social: Rua Municipal, 68 — MANAOS

Telephone n.º 230 Caixa Postal n.º 66-A End. Teleg. AMAZONAS

Unica com sede no Estado do Amazonas
Unica que paga sempre os seus sinistros
imediatamente após a exhibição
das provas legais

Unica sociedade em que os segurados
participam dos lucros

Unica em que os habitantes do Amazonas e
devem fazer seguros

Caixa Postal
290

UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.
UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Sede: Pará — BRASIL — T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira

Vice-presidente — José Marques Braga

Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade

Medico — Dr. Luciano Castro

Secretario — Constantino Quadros de Car-
valho

GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accetam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 1/2 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

FABRICA DE SAPATAS

A. C. DE MATTOS

A primeira do Amazonas.
Vende modicamente todos os artigos para sapataria e carroagens.

Rua Installação, 18

Manaos

Cepeda, S. ta Rosa & Dias

COMMISSOES E CONSIGNAÇÕES

36 — Travessa de S. Matheus — 36

PARÁ

Soares Irmão & C.ª

MATRIZ
CASA HAVANEZA
Rua da Installação, 7
Vendas
por grosso

Importação directa de todas as praças
Caixa postal n.º 42
Ender. teleg. HAVANEZA
MANAOS

FILIAL
9 Bardeiro Elegante
Rua Municipal, 26
Vendas
a Varejo

Permanente deposito de charutos, cigarros e fumo de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens e em objectos para viagem. Especialistas em roupa branca portugueza. Perfumarias.

Casa de liquidações

Rua Marechal Deodoro, 6-A

Manaos

PROPRIETARIO

Francisco Lucas de Almeida

Casa por demais conhecida. Não se por esquecer de saber que é a unica em especialidade de artigos para homens, taes como chapéus de palha e feltro, calçado fino, camisas, meias, gravatas, etc.
Deposito permanente de bebidas nacionaes, churutos e goiabada su-perior.

CABINETE HYDROTHERAPICO

de DR. RAUPEMBIS SARTOS

Municios MANAOS e J. Momperrin Sentes e J. Nogueira d'Almeida.

Installação hydrotherapica completa, duas salas de duches para homens e senhoras, independentemente separadas e independentes, gabinete annexo de electricidade e massagens.

Tratamento de doenças nervosas e do estomago.

Aberto das 8 de 12 da manhã; 3 de 5 da tarde.

Entradas: C. de Buqure, 90

O. DA GLORIA, 15 — LISBOA

COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Requebets post français
LIGNA TRANSANTARCTICA



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.
Para passageiros de 1.ª classe tres cabeados e de 2.ª classe dois cabeados.
C.ª, 4, Praca do Commercio e de S. Francisco.
Para carga, passageiros e todos os serviços de correio, dirigidos para o Comandante, Rua Arns, 21, Agencia de Messageries Maritimes.
Rio, Portugal.

HOTEL ALLIANÇA

FUNDADO EM 1843



PROPRIETARIOS

Gotuzzo & Agrifoglio

Rua 15 de Novembro — 218

PELOTAS — Estado do Rio Grande do Sul

Brasil

Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas

Para fazer Boa Cozinha

Éprec iso
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

À venda
em todas as princi-
pales mercearias
de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

235, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.ª — R. da Prata, 28 a 288, Lisboa.
 Jeronymo Martins & F.ª — R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
 José Affonso Vianna & C.ª — Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
 R. D. de Campos — R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
 Alves Diniz, Irmãos & C.ª — R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.
 Seb. Corrêa Saraiva Lima — R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

GRANDE HOTEL METROPOLE

O maior da Capital, construído de accordo com o clima do país, e situado
nas faldas da Cacerada.
Possuem todas as condições hygienicas e as mais confortáveis salas
e apartamentos para familias e cavalheiros

Gerente
CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

181, Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO

Pernambuco Powder Factory

FABRICA DE POLVORA

ESCRITORIO

Rua do Commercio, 6
(HELIAN-LEONORI)

PERNAMBUCO

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores — Largo da Quintella
Este hotel, situado em parte mais central da
cidade, dispõe de confortos de uma ca-
sa de primeira classe.

BRASIL-PORTUGAL

Número comemorativo do 4.º centenario
do Brasil

À venda na redacção do "BRASIL-PORTUGAL"

Rua Ivens, 52

RESTAURANTE AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

J. DE S. MATHEUS, 24 — PARA

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes.
Acceso extremo illuminação electrica

TODOS OS CONFORTOS

GRANDE DEPOSITO
De livros em branco,
aliquotas de
de scriptoria,
artigos
para gravuras,
quasequintas,
etc., etc.

LIVRARIA

PAPELARIA

TAVARES CARDOSO & C.^a

TYPOGRAPHIA

ENCADERNAÇÃO

LIVRARIA UNIVERSAL

Casa fundada
em 1868
PARA-BRA-IL
AGENTE
F. de Queirós
& C.^a
MÃNÃOS

Rua do Cons. João Alfredo

Telephone—300

Caixa Postal—82

NUNES & NUNES Cambios e Papéis de Crédito

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: DOISNUNES

95, RUA DO OURO, 97 — LISBOA

LA BÉCARRE

F. CARNEIRO & C.^a

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionais e estrangeiros. Artigos para pintura. Portenões de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49—LISBOA.

DUARTE & C.^a
Representantes de Rocha Silva & C.^a

DO

PARÁ

ANALISE DE ESTIVAS NACIONALES E ESTRANGEIRAS. — ESPECIALIDADE EM PAPELAL E TUBULOS. — COMMISSÕES E CONSULTAS

Rua Marechal Deodoro, 5—MÃNÃOS



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O 88 de Rua Nova do Almada
tem sempre grande sortimento de chapéus para sol de chuva, em todas as
modas, e de botas, sapatos, calças, etc., etc., e artigos de moda
de todas as partes do mundo. Tem também um vasto stock de papel
de escrever, e de todas as espécies de papéis e tintas.
Machados e ligaduras deve de fazer de qualquer arte e em qualquer
em Lisboa.

BANCO
DA

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL



Fundado em 1858 em Porto Alegre, Capital do E. do Rio Grande do Sul

CAPITAL SUBSCRITO 5.000.000\$000

Capital realizado..... 2.600.000\$000
Fundo de reserva, em 30 de Junho 1899. 4.100.000\$000
Lucros suspensos e especiaes, idem.... 1.200.000\$000

Faz todas as operações bancarias, inclusive cambias, em sua sede e nas suas
filiaes: estabre idas nas praças do Rio Grande e Pelotas, com os seus corresponden-
tes em todas as praças da Confederação dos Estados Unidos do Brasil, do Prata e
com os Paizes d'Europa e America.

Directores

A. B. TAVARES, Manoel Carvalho da Costa, João Costano Pinto

Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

Soberano depurativo do sangue

Aprovada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças originarias do sangue viciado, diferentes manifestações da syphilis, rheumatismo, gotta, cancro, escrophulas, tumores, boubas, ulceras de mau caracter no collo do utero e garganta, inchação nas pernas, molestias da pelle, empigens, darrtos, escoriações, granulações no rosto, vegetações e blephorragias agudas ou chronicas, dores steocopas e nevralgicas, inflammaciones visceraes de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doenças determinadas por saturação mercurial.

A SALSAL TAYUYÁ E MURURÉ

Demanda muito pouco resguardo e pôde ser usada sem que a pessoa interrompa suas occupaões; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoolicas.

DEPOSITO — Drogoria Beirão

DE

Carvalho Leite & C.^a

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da dívida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sédes dos concehlos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

Este hotel tendo passado por grandes reformas, dispõe de excellentes accomodações para familias e via jantes

Quartos para banho, mornos e de chamma

ENCOMENDAS PARA VOIA

Banquetes, almoços e jantares particulares.



Porto Alegre

270, RUA DOS ANDARAES, 270

João Pedro Bourdette

Os corretores de hotéis

AO PUBLICO

A associação de classe dos Corretores de Hotéis, de Lisboa, desejando contribuir para o bom nome e credito da respectiva classe, resolveu que todos os seus associados fazem uso d'uma distinctivo em prata, em forma oval, com o nome de Associação de Cias e dos Corretores de Hotéis e que conservarão na spella do casaco sãõ de serem distinguidos.

Como explicação aos srs. viajantes d'irem a que o que força a associação a assim proceder, e os muitos abusos que se tem dado nas gares e outros pontos de desembarque, em que por vezes estranhos tem sido feitas a passageiros, por intuição que só concorrer para o decaheito d'esta classe, e por este motivo e d'ora avante, a associação só se responsabilizará pelos correctores que se apresentarem com os respectivos distinctivos

Pela direcção

João Antonio da S. Pinto

SALOES
E QUARTOS MOBILADOS
PARA FAMILIAS

BANHOS
quentes e frios

Este estabelecimento de primeira ordem, situado no centro de todos os passeios e linhas de bonds, recommenda-se pela exactidão do seu serviço, acção, modicidade em preços e cozinha franceza.



HOTEL SUL-AMERICANO

BAHIA-BRASIL

PROPRIETARIO

Antonio T. Alves

MARZENARIA BRASILEIRA
SOCIEDADE ANONIMA
Fabrica fabrica de moveis Moreira Santos
RIO DE JANEIRO
FABRICA: Rua de S. Christovão N° 129
DEPOSITO E ESCRITORIO: Rua da Constituição, N° 3
TELEPHONE N° 185

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cantellas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeiçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança o que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.



de mais utilidades de Portugal

Uso Interno — Estomago, gota, reumatismo articular, diabetes. Uso externo — Rieumatismo, gota, seliculas, tomyas uremicas, etc.

HOTELS E CASINO

Instalações as mais confortáveis e completas de Portugal

ESTABELECIMENTO ABERTO EM 15 DE MAIO E FECHADO EM 15 DE OUTUBRO

Correspondencia:

GERENTES — CUCOS TORRES VIEIRA

Loja Pacheco

DE

Declínio Pimentel & C.^a

Sortimento completo em farraldas e artigos de novidade. Chaprins, calçado fino, perfumarias, roupas feitas para senhoras, bonetes e creanças.

Caixa postal N.º 384

Rua da Instalação, 24

Mañãos



MANOEL CANICEIRO DA COSTA
CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR
O mais antigo estabelecimento do norte do Brasil

Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

Grande Deposito

De materiais para construção civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124 — PARÁ

Endereço telegraphico — CANICEIRO

Caixa postal — N.º 603

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.^a — Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos de paz. em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

JOÃO BASTOS & C.^{TA} COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

CAIXA POSTAL. N.º 56

103

ESDER YELBO, GAVILHAS

A MAIS ANTIGA MERCERIA DO ESTADO FUNDADA EM 1880

Dias d'Oliveira & C.^a — Vinhos, conservas, generos de 1.ª qualidade. — A primeira n'este genero Promptidão nas encomendas, garantia nas vendas.

Filial — Rua Th-theoreto Souto — Mañãos — RUA INSTALÇÃO. 12

ESTEVAO NUNES & FILHOS

Typographia

OFFICINAS A VAPOR

18 e 24, R. Assumpção, 18 e 24

LISBOA

Livraria Classica

Jayme & Camara.

Typographia, encadernação e pastação. Fabrica de livros em brancos e carimpos de borracha.

CAIXA POSTAL. N.º 185

Rua Theodoreto Souto

(Canto da rua Guilherme Moreira)

MANAOS



LEAL, SANTOS & WALD

Fabrica de biscoitos
RIO GRANDE DO SUL

Preparam os especiais biscoitos

DO

RIO GRANDE

DR

LEAL, SANTOS & WALD

Qualidade e sortimento eguaes aos Ingleses

Æ venda em todas as casas de primeira ordem

Endereço telegraphico — ZULMIRA